

Voz de S. Antonio



Revista mensal Illustrada

Abençoada por S. S. o
Papa Leão XIII pe-
lo Ex.^{mo} Ordinário
e varios Prelados.

N.º 8

AGOSTO
SÉRIE 4.^a
8.º anno

Caullier

CHRONICA LIGEIRA

SUMMARIO: — *O aleijão aborticio; bernardices a flux.* «Modestia á parte...» — *Para onde vae o Julio?* *Hypocrisia e pobreza de espirito.* — *Doçura e severidade.* — *Aspiração genuinamente liberal.* — *Homilia jacobina arte novissima.* — *Monopolio do direito e da liberdade.* — *Testimunho auctorizado.* — *As conferencias de S. Vicente de Paulo e o Pão de Santo Antonio.* *Myopia voluntaria.* — *Os jesuitas no Brazil.* — *O que seria hoje o Julio?* — Amende honorable.

Continuemos a autopsia do aleijão aborticio do ventre jacobino de Julio Pernetta.

A *Egreja de Roma*, esmerilhada por quem tivesse a necessaria pachorra e vagar, dava amplissimas ensanchas para um copioso repertorio de *bernardices*, capaz de causar inveja ao mais original e talentoso Calino. As que no numero passado offereci ao paciente leitor, venho juntar hoje mais algumas, antepondo-lhes a promessa de que serei breve e conciso, como aliás o exigem tambem a estreiteza do rincto que me é concedido aqui e a superabundancia de materias que se atropellam a disputal o.

O snr. Julio Pernetta, como todo o Tartufo que se *présa*, tem umas aspirações que estão bem longe de peccar por excessivamente modestas «Presumpção e agua benta, cada um tira quanta quer» — diz a sabedoria das nações. A agua benta detesta este liberal varão; mas de presumpção... enche-se até não caber em si. Cada qual come do que mais gosta, não é assim, snr. Julio? Ouçamos a prosa de sua senhoria;

«Para onde vamos? — pergunta elle, muito ancho e solemne, aos «homens sem fé», aos «sacerdotes sombrios do Vaticano.» E responde:

«Para o logar de onde vós desertastes, para o santuario de Telludo e arminho dos Evangelhos de Jesus (que delicia!) que em nossa alma resplende suavissimo, magnifico, aureojante, (que perfeição!) unico, na pureza angelical do amor, do perdão e da fraternidade entre os homens (que coisa!!!...) Vamos para essa Jerusalem libertada, tão ideal (ah!) tão sonhada pelos espiritos que anceiam novos céos (ih!!!) mais azues e mais puros (oh!!!) infinitamente misericordiosos, sonhar quem sabe, á sombra santificada da Cruz...»

Alto ahí, blasphemo Vae para onde quizeres, mas não tenhas a pretensão de ir «sonhar á sombra santificada da Cruz», que é o symbolo do perdão, da paz, da caridade e do amor; e tu só alimentas no seio o odio, o rancor, o remorso, que em vida te corroe as entranhas — tu dirás se é verdade. Irás, se quizeres, como foram os dois scelerados, um dos quaes ousou insultar o Justo na hora suprema da sua angustia. Irás, como foram as turbas assalariadas, verter novas amarguras no calix da sua dôr. (E oxalá volles contracto e arrepellido, confessando, como ellas, a divindade de Jesus: *vere Filius Dei erat iste...*) Mas para «sonhar á sombra santificada da Cruz?...» Para traz, blasphemo!...

Mas vejamos os leitores aonde chega a desfaçatez e a hypocrisia d'este... pobre de espirito, que, falando de Jesus, se atreve a chamar-lhe «o nosso Mestre», (pag. 94) o «Iniciado» (pag. 68)... Em compensação chama-lhe tambem mellifluamente o «Suavissimo» o «espirito quintessenciado do amor».

Lá isso, meu Julio, ainda que não sympathiso com o palavrão inutil, confesso que é inteiramente verdade. Assim m'o ensina a *Egreja Catholica*, para a qual «Deus é amor», que «principalmente faz ostentação da sua Omnipotencia perdoando». (1) Mas

não abuses da sua grande bondade e misericordia, Lembra-te que o mesmo Jesus «o Suavissimo», empunhou um dia o azorrague, e escorraçou do Templo os vendilhões. Olha que se elle cá voltasse, e a scena se repetisse, tu não serias dos ultimos nem dos menos contemplados... E, uma vez que tanto presas abonar-te com a auctoridade do Evangelho, não esqueças as ameaças, tão significativas e tão solemnes, que o mesmo Suavissimo Jesus proferiu referindo-se a um dia, que elle mesmo chama o dia da *grande tribulação*, em que elle virá «na sua magestade, e todos os anjos com elle», (1) a julgar todos os povos...

*

Outra aspiração original d'este cavouqueiro genial. *Original...* não digo bem, pois é tomada, em segunda mão, a *Silveira Netto* (outro compadre, sem duvida). Quer elle, ou quem elles, esta conquista genuinamente liberal:

«Substitua-se, no templo, as missas em latim por lições de *Historia Natural*».

E' authenticico.

Nadá mais gracioso do que ouvir um dia algum *sacerdos magnus*, d'essa religião arte novissima, em attitude magestosa e gesto solemne, dirigindo aos seus neophitos uma eloquente homilia vasada nos seguintes moldes:

«Meus filhos: Eu vos affirmo, em nome da sciencia nossa mãe, (tossiu) que um gato é um bicho, (tossiu de novo) e um escaravelho é um insecto. Assim o ensinam os nossos gloriosos apóstolos os bemaventurados *Silveira Netto* e *João Pernetta*. (Puxa pela *tabaqueira*, enxuga apressadamente o pingo, começa desdobrando o dito, e continúa:) Mais haveis de saber que as gallinhas pretas põem ovos brancos, o que bem pôde ser que fôsse um erro da natureza; porque n'este mundo todos podem errar (espirrou) excepto nós os privilegiados que temos a dita de viver na *Santa Liga Anti-clorical Paranaense* (escarrou cadenciadamente por tres vezes). Aquillo foi erro, sem duvida; porquanto a albumina da clara e da vesicula germinativa, (abriu a *tabaqueira*, herdada de um trisavó) a *gemma* e o endôssio da congeminção do exodo, a casca e o envolvero é o cheiro e a figura e a forma, o feito, o talho em summa, o tamanho emfim, a côr n'uma palavra; pelo que, segundo o testemunho dos santos padres *Generoso* e *Eulides* (enterrou o polegar e o index no pulvereo simonte e extrahiu gigantesca pitada); o cão da *Terra Nova* não é originario da *Patagonia*. (Fungou demoradamente; e, por entre a tempestuosa fungadela, ouviu-se a voz aflautada do acolyto respondendo: *Deo gratias*. A turba applaude: *Viva Tiberio!*...)

Serve-lhe, snr. Julio Pernetta? Querendo mais, é só pedir por bôcca... *

O snr. Julio Pernetta não reconhece aos catholicos o direito de se associarem para o exercicio da caridade. *Nul ici n'aura droit, hors nous et nos amis*. O direito, a liberdade, é monopolio de sua senhoria e mais da sua façanhuda cambada. E, na ementa das associações que na sua patria foram «creadas pelo clero em proveito proprio», cita a *Conferencia de S. Vicente de Paulo* e a obra do *Pão de Santo Antonio*. Podia, encurtando razões, dizer simplesmente ao snr. Julio que é mentira o que elle diz. Mas quero justificar-me com uma auctoridade que até para elle deve ser insuspeita.

Emilio Olivier diz textualmente em um de seus livros: «Certamente, eu nunca fui suspeito de pertencer ao partido clerical.» Pois a ultima pagina d'este livro é como segue:

«Ha no Christianismo tal fecundidade de mise;

(1) «Deus, qui omnipotentiam tuam parcendo maxime et miserando manifestas... BREV. ROM., or. da Dom. x depois do Esp. Santo.

Voz de S. Antonio

Redacção e administração — Braga

SUMMARIO

Necessidade d'uma cruzada.

- I Parte — *Secção Doutrinal*: A arca de Noé. — S. Elzeario. — A Paz. — Indulgencias, etc.
- II Parte — *Secção Historica*: Igreja de S. Antonio em Aveiro. — Pensamentos. — Anecdotas.
- III Parte — *Leituras Amenas*: A Flór da morta (conto).
- IV Parte — *Culto de Santo Antonio*: — Uma carta. — O Pão de Santo Antonio em Braga. — Elvas. — Thomar. — Barcellos. — Torres Vedras. — Lisboa. — Portalegre. — Melgaço. — Cadaval. — Os cofres. — Recommendações. — Os nossos defuntos.
- V Parte — *Secção Scientifico-Litteraria*: Quadros Biblicos. — Esther. — Vexilla regis Prodeunt (*Poesia*). — Bibliographia. — As nossas illustrações.
- VI Parte — *Chronica Universal*: Roma. — Portugal, França, etc.
- Gravuras*: Interior da igreja da Apresentação (Jerusalem). — Grupo boer. — Thermas dos Cucos.

Editor — D. J. de Souza Gomes.

Pap. e Typ. Universal — Augusto Costa & Mattos.

Necessidade d'uma Cruzada



QUEREMOS referir-nos a uma das mais importantes e ao mesmo tempo gloriosas campanhas da actualidade. A arena em que deve ferir-se o combate é a imprensa. Os combatentes chamados á lucta são todos os homens de bôa vontade, criterio e moral segura, que pegam n'uma pena para lançar os seus escriptos, isto é, as suas idéas, ao vento da publicidade, com o intuito de fazer bem á humanidade, dando luz, muita luz, ao seu espirito, sempre sequioso da verdade. São estes que precisam arregimentar-se, e para já, n'um solido corpo de exercito, e sahir a campo, dar batalha ao inimigo que tudo invade, manchando quanto ha de mais

puro, profanando quanto existe de mais sagrado. A necessidade inadiavel de uma cruzada pela imprensa, e sobretudo pela imprensa pericdica, e ainda mais pela imprensa diaria, é por todos reconhecida. Mas, infelizmente, os esforços de poucos, porque isolados, fraquejam a breve trecho, desfalecem e ficam esmagados debaixo da onda prenhe de immoralidade que é arremessada com violencia pelo tufão do mercantilismo sordido, que se engrandece com a miseria alheia, e levanta o seu pedestal sobre a ruina moral dos povos que embrutece.

A julgar pela attitude recente de uma parte, embora pequena, da imprensa diaria, attitude que se manifestou por motivo de um incidente jornalístico, parece haver o designio, ou, pelo menos a bôa vontade de sair a campo em favor d'esta cruzada, que teria por fim livrar-nos do jugo insupportavel, do opprobrio e da infamia que meia duzia de corruptos impõem

a toda a pessoa honesta e de bem, que tem a felicidade de ainda conservar o sentimento da honra, e se preza da sua dignidade de ser intelligente, superior ao animal immundo que chafurda na lama. Todavia, com sentida magoa e dizemos, n'este nobre emprehendimento, como em tantos outros, falta-nos a união, a constancia e até a energia para proseguir até ao fim.

Disparam-se os primeiros tiros, vigorosos e certos; o inimigo fica mal ferido, mas não morto, e, apenas cessa o fogo, torna de novo á sua tarefa ingloria, porque o adversario voltou costas. Mas este indifferentismo não pode continuar, porque nos deshonra, e dentro em pouco, a deixar-se aggravar o mal na proporção com que progride, demasiado tarde virá o remedio, se por ventura elle então fór ainda possível. Não virá longe o tempo em que todo o homem que se prese, tenha de renunciar á sua vocação para o sacerdocio da imprensa, porque a julgar pela maioria da imprensa diaria, jornalista será synonymo de assassino moral, de homem que perdeu todo o sentimento de dignidade.

Não vemos nós já a pouca fé, o nenhum credito quasi, que bom numero de pessoas prestam ao que lêem nos jornaes? Não sabemos, por ventura, de muitos individuos que se prohibiram por completo de pegar n'um jornal, qualquer que elle seja, desenganados de encontrar alli alguma coisa de util para o seu espirito, ou mesmo de verdade em que se acredite? Para estes, e para muitos outros que ainda por simples desfazio passam a vista pelas linhas de algum periodico, a imprensa jornalistica fez bancarrota.

Descredito irremediavel para aquelles que da imprensa fazem offi-

cina de moeda falsa, mas que de recochete vae tambem ferir gravemente os que d'ella se servem como de meio mais proficuo para o mais nobre dos sacerdocios: diffundir a verdade e a luz.

E' facil descobrir ainda na tolerancia prestada á imprensa indigna d'este nome, pelos que a deviam combater, um outro ponto digno de séria ponderação: é a responsabilidade moral que sobre si acarretam os que tendo meios de pela boa imprensa combater a que abusa da sua missão e da licença que lhe facultam de circular, o não fazem. Merecidamente esta responsabilidade é imputada em primeiro logar aos jornalistas que não querem ser contados no numero dos renegados apostatas do sacerdocio da verdade, ou pelo menos da imprensa moralizada. Combater, aniquilar a imprensa immoral, deshonrada pelos processos infames de que se tem servido, pelas baixezas que tem praticado, é um dever para os apóstolos da boa imprensa. Faltar ao cumprimento d'este dever é ser responsavel pelos males causados pela outra imprensa, porque quem pode evitar o mal e o não faz, torna-se cúmplice no crime.

N'este caso o crime é de lesa humanidade. Quantos não ha que não conhecem outro codigo, outro evangelho, outro catecismo nem outra moral alem do jornal que o garôto lhes impinge logo ao despertar?

E' pelo jornal que lêem a primeira blasphemia do dia em vez da primeira oração da manhã; é no jornal que fomentam o instincto do crime, do odio, do rancôr ao proximo, em vez de combater as paixões, e augmentar o amor da paz e concordia fraternas. E' no jornal onde lêem a apologia do assassinato, do attentado contra o pu-

dôr, contra a auctoridade, contra a honra alheia, que aprendem a desprezar todo o sentimento de respeito pelo que é dos outros, acabando por se não respeitar a si mesmos. E quando chegam a este ultimo furo da craveira moral, quando já não é possível descer mais como homens, nivelam-se ao irracional, e ali temos no meio da sociedade uma horda de animaes tanto ou mais ferozes e sempre mais perigosos que as bestas selvagens da floresta. E admiram-se de que haja crimes inauditos de ferocidade! Nós não, nem ninguem que estude attentamente as suas causas. E depois, que conceito formam de nós os demais povos civilizados do mundo?

Se a imprensa é hoje e será sempre a melhor alavanca do progresso, e entre nós ella está tão baixa, que admira que nos tomem por selvagens do occidente?

Téem toda a razão. Em parte nenhuma do mundo se consente que se escreva o que todos os dias se publica na imprensa diaria de Portugal.

Ora isto que aqui estamos dizendo tem-se dito e repetido mil vezes.

Todavia o mal continua. De quem é a culpa? Unicamente da imprensa séria, que por meio de uma campanha constante pode remediar esta vergonha por que estamos passando, que faz corar as faces a todo o portuguez que ainda se honra de o ser.

Porque não se formará, pois, essa cruzada em favor da moralidade da imprensa portugueza?

Já que a auctoridade publica, desde o momento que a não ataquem, deixa passar tudo, trahindo a sua missão, defendamo-nos nós com as armas que temos na imprensa séria.

Parece-nos que não seria tarefa difficil nem a cruzada havia de pro-

longar-se muito. Ainda ha, mercê de Deus, quem tenha ouvidos para ouvir, e desde o momento que nos ouvíssem, essa escumalha de imprensa não teria mais quem a lêsse, e então só lhe restaria a morte, que seria a vida para a moralidade.



Secção doutrinal

A arca de Noé

EM torno d'esta velha construcção que nas primeiras edades do mundo salvou a familia de Noé d'um grande cataclysmo, tem-se ultimamente debatido questões interessantissimas e levantado hypotheses que n'outros tempos seriam capituladas de arrojo. As recentes descobertas e progressos crescentes das sciencias, sobretudo anthropologicas e geologicas e os fecundos estudos criticos e exegeticos de que tem sido objecto a Escriptura derramaram não só ondas de luz sobre altos problemas biblicos que até aqui jaziam na obscuridade, mas desfizeram muitas ideias que haviam colhido a unanimidade de opiniões e ganho fóros de ver.lade assente. Um d'esses problemas que mais deviam soffrer foi o do diluvio.

Podiam vestir-se de livros bibliothecas inteiras, tão estudado tem elle sido já na antiguidade, já nos nossos dias.

Não será fóra de proposito vêr em resumo (que d'outro modo não póde ser) o pé em que a questão foi collocada pela critica moderna e precaver os leitores da «Voz», contra futuras surpresas, sempre prejudiciaes, mesmo para a alma d'um crente.

Como preambulo direi simplesmente que a universalidade geographica do diluvio é opinião quasi morta e custa-me que apenas um ou outro critico de nome a sustente hoje.

A universalidade antropologica, isto é, a crença de que só a familia de Seth (á excepção de Noé e seus) pereceu, escapando a esta terrivel inundaçào os demais habitantes da terra se não é apoiada por todos os exegetas, póde pelo menos ser defendida

dentro dos limites d'uma orthodoxia rigorosa.

A Igreja mostrou-se aqui, como sempre, amante da legitima liberdade de pessoas. Nunca se pronunciou sobre a questão pendente, entregando-a ao debate das escolas que lhes hão de preparar materiaes para uma decisão segura, nem nunca recusou as suas benções aos propugnadores de qualquer das hypotheses.

Permitta-se que incidentemente narre um facto que põe bem em relevo o espirito de liberdade e da Igreja.

Quando Mivart escreveu a sua genese das especies, avançou a ideia de que, o corpo humano podia bem ter a sua origem no animal, a que a alma racional sobre esse corpo aperfeiçoado fôra depois infundida por acção divina. Vivos protestos se levantaram contra tal hypothese que assim se offerencia como o cumulo do arrojo, senão da heterodoxia. Mivart offereceu o livro a Pio IX, que então occupava a cadeira de S. Pedro. O Pontifice concedeu-lhe immediatamente o chapéu de doutor. Isto não prova, é certo, que taes doutrinas traduzam a convicção da Igreja, mas mostrou que anima os progressos das sciencias, d'onde quer que partam suas investigações.

Pois o mesmo se deu relativamente ao diluvio.

Quando Voss pela primeira vez pôz em duvida a universalidade geographica do diluvio, como esta interpretação se oppunha á torrente dos Padres e não havia ainda motivos serios que legitimassem o apartamento da opinião corrente, a obra foi levada á congregação do Index e examinada pelo beneditino Mabillon. A Igreja estava no seu direito, cumpriu um dever mesmo. O protestantismo n'essa epocha com seu livre exame e separando-se do ensino infallivel da Igreja abriu a porta aos erros mais monstruosos, e Voss era theologo protestante. Duplo motivo pois, para suas preocupações e suspeitas.

Ora não obstante motivos tão ponderosos o livro não foi censurado e não se lhe achando nada de contrario á fé e aos costumes, tolerou-se.

E até áquella epocha, pelo menos, em vão se busca uma voz discordante d'esta universalidade... Todos os commentadores, padres e doutores haviam por certa a explicação litteral do texto biblico, explicação

que de resto pouco discutiam não havendo, como disse, razões para se arredarem da interpretação até ahí dada.

O atraso nos conhecimentos d'essa epocha impedia-os de formular opiniões novas e formuladas que fossem, teriam ficado sem verificação. Só um ou outro Padre exclue o Olympo ou o Altas da inundação geral, cujos cumes eram demasiado altos para até elles chegarem as aguas. Fundando-se na chronologia biblica opinavam tambem alguns que Enoch e Mathusalem, pelo menos, haviam escapado ao terrivel cataclysmo e se Noé e familia haviam sido salvos, não o haviam sido exclusivamente. Era mesmo parecer de muitos que se dedicavam a este estudo que Noé não encerrara na arca certo genero de animaes, etc.

Isto mostra bem que se os Padres e commentadores dos tempos idos conhecessem as razões que a sciencia d'hoje apresenta em contradicção da universalidade, pelo menos geographica, tel-a-iam certamente regeitado.

Estas excepções, porém, embora raras, abertas pelos padres abrem-nos já caminho a novas interpretações e descerram nos horizontes mais vastos.

A impossibilidade de á luz da sciencia sustentar a opinião da universalidade geographica do diluvio, deu occasião a que se reconhecesse a necessidade de melhor estudar o texto escriptural e as antigas theorias acerca do diluvio.

As objecções formuladas pela sciencia formavam uma torrente irresistivel. Uma difficuldade suscitava outra. A mistura de agua salgada e doce não acarretaria a morte dos peixes que só viviam n'um d'estes meios? e elles não estavam na arca. D'onde veio a massa d'agua que cobriu a superficie total do globo? Foi a dos mares? impossivel, aliás ficaria o leito em secco, e tornava-se necessario cobrir toda a terra até ao cume das mais altas montanhas, e essa massa d'agua era insufficiente. Foi tambem a das chuvas? mas, se provem da evaporação, d'onde veiu, pois? a que pressão atmospherica não corresponderia? é bastante para fazer parecer toda a humanidade antes de cahir o primeiro pingão de agua! Creal-a-ia Deus para este fim exclusivo, aniquilando-a depois? crêmos que Deus o podia fazer, mas pensar tal é refugiar-se no milagre que nada auctorisa a ad-

mittir e até em certo modo contradiz a sabedoria de Deus.

Nos 1.^{os} versiculos do genesis diz-se é certo que a terra estava innudada de agua, mas n'essa epocha (a tomar os 1.^{os} vers. do genesis como historicos) ainda se não effectuara o levantamento dos terrenos.

Ainda aqui não pára o discurso. Como poude Noé encerrar n'uma arca que teria a capacidade d'um transatlantico moderno, seguindo os ultimos computos feitos sobre o covado egypcio ou hebreu, todas as especies animaes existentes? especies, digo, não raças ou variedades?

D'antes cria-se que o numero de especies animaes era restricta, mas os conhecimentos naturaes multiplicaram-no, a lista augmentou prodigiosamente; d'antes a explicação colhia, hoje não.

N'outros tempos julgava-se que podiam indifferentemente viver em qualquer região, hoje sabe-se que ha centros de creação, que o kanguru só vive na Australia, a girafa é exclusiva de Africa, etc. Era forçoso, pois, que atravessassem os mares (!) e se dirigissem ao paiz de Noé para ahi se refugiarem da medonha inundação que breve ia destruir todo o ser vivente.

Como chegaram no momento preciso? como se recolheram e sustentaram? onde cabiam os mantimentos, como se armazenaram? A' sahida da arca os herbivoros acharam-se sem alimento, pois tudo devia estar coberto de lodo á excepção das arvores altas? E finalmente, como regressaram de novo ao seu paiz?

Dir-me-hão que o poder soberano de Deus é infinito e tanto lhe custa fazer um milagre como cem. E' certo, mas trata-se d'um facta a explicar e não procuramos saber o que poderia ter sido feito, mas o que se fez. O milagre não deve admittir-se senão quando a Escriptura o declara expressamente ou se não pode dar outra explicação ao texto, e não estamos n'este caso.

A gymnastica intellectual poderá sim attenuar a força de muitos d'estes motivos, mas as difficuldades não subsistem menos.

(Continúa).

LEAL.



Santo protector para o mez de setembro

S. Elzeario Conde de Ariano. — Em 1285 Hermangaud de Sabran, conde de Ariano e barão de Anoniss, estreitava a seu peito, em extasis de amor paterno, o seu primogenito, e elevando-o para o céo, em attitude de offerecimento, fazia esta oração a Deus:

«Se este anjo, Senhor ha de ser manchado pelo peccado, matae-m'o depois do baptismo: roubae-m'o antes que m'o roube o inferno».

Tocou-se o coração de Deus com a prece d'este bom pae, e tomou a seus paternaes cuidados aquelle infante, a quem, em menos de um seculo, a illustre familia dos Sabran prestaria adoração e culto.

Elzeario era o primogenito do castello feudal de Anoniss, succederia a seu pae no senhorio de Ariano e dos vastos territorios de Provença, seria privado de Carlos II rei de Napoles, valido de Roberto successor d'aquelle; preceptor e educador de seu filho Carlos duque de Calabria, ministro e conselheiro d'este quando substituido de seu pae no throno de Napoles, generalissimo das tropas napolitanas mandadas a Roma contra Henrique VII por Roberto, — seria um homem publico de grande influencia nas côrtes da Europa, — e a Providencia que prepara os grandes genios desde o berço, começou desde a mais tenra idade a ennobrecer o espirito d'aquella creança eleita com dotes extraordinarios.

Um coração grande para sentir as miserias dos povos e uma vontade enérgica para lhes valer foram as prendas que ornaram o seu espirito infantil, patenteadas pela natural doçura, amabilidade e compaixão para com os miseraveis, que mostrou desde o amanhecer da razão.

Nunca seus paes viram aquella creança agastada com as pessoas da casa, com os da sua idade e condição, com ninguém; as suas delicias eram dar esmola aos filhos dos pobres.

Estas bellas qualidades rebusteceram-se com a esmerada educação moral e litteraria que lhe administrou seu tio, Guillaume de Sabran, o sabio abbade de S. Victor de Marselha, e desabrocharam em copiosos fructos de virtude com a união matrimonial, celebrada com Delfina, casta donzella da illustre familia dos Glandevos, tão santa terna e amavel como elle.

Delfina e Elzeario eram duas oliveiras em flôr, dois candelabros accesos, dois ramalhetes de mirra odorifera que se desafiavam na presença de Deus.

Até aos vinte annos não teve outros cuidados além da sua santificação. Entrou na Ordem Terceira de S. Francisco, fazendo voto de castidade perpetua, virtude que nunca offendera; confessava se quasi diariamente com muitas lagrimas, vestia, como habito da Ordem Terceira, uma tunica grosseira que interiormente lhe cahia até ao joelho, e alimentava fóra e dentro de seu palacio muitos pobres.

O futuro conde de Ariano preparava-se assim para a vida publica que a morte de seu pae, occorrida aos vinte de sua idade, lhe franqueou deixando-o senhor de muitos povos de Ariano em Napoles, e de Provença em França.

Elzeario compenetrrou-se das responsabilidades moraes e sociaes da sua posição e não poden-

do evital-as sacrificou por ellas o seu talento e virtude.

Duas graves necessidades, a que o nosso seculo chamaria bombasticamente, dois problemas ou questões sociaes, pesavam sobre os seus vasallos: a cubiça e oppressão avassaladora da nobreza sobre os pobres e o flagello da pobreza, necessidades de sempre, porém mais do governo feudal que d'outra época.

Para remediar a primeira, o intelligente conde fez um regulamento ou pequeno codigo tendente a christianizar as relações entre a nobreza e a indigencia, a abater aquella até se nivelar moralmente com esta, reconhecendo-a como sua irmã, e a tornar esta resignada grata e respeitadora d'aquella. Os pobres que se quixavam com motivo dos despotismos dos ricos tinham sempre n'elle um zelador da justiça, um juiz e pae.

Para combater o flagello da pobreza mandou fazer um rol dos pobres dos seus territorios, e todos os annos fazia depositos de grão para lhes distribuir gratis ou por modicos preços, segundo as circumstancias. A sua mesa comia diariamente uma duzia de pobres.

Fez para exemplo da nobreza um pequeno regulamento domestico para o seu palacio, onde preceituava a missa e oração quotidiana, prohibia a blasphemia, a murmuração, a ociosidade e outros vicios externos que podessem escandalizar.

Sem filhos em que gastasse os affectos generosos da sua alma grande, perfilhou os seus vasallos sacrificando-se por amor d'elles, com os desvelos de pae. Perfilhação sublime que todo o homem publico de governo devia praticar, para servir a patria por amor da patria, e não pelo amor de si mesmo, do seu individualismo. Elzeario comprehendia que a sua posição não era um modo de vida, um ganha pão, mas sim um cargo publico que impunha deveres que lhe cumpria executar com sacrificio, até da sua pessoa. Governava para cumprir um dever que Deus lhe impoz; hoje governa-se para ennobrecer para subir. Elzeario servia a patria; hoje a patria serve os homens de governo, ou servem-se estes d'ella, que é mesmo crime.

Em duas palavras se resume o caminho que este glorioso filho da Ordem Terceira seguiu para subir ao cumulo de perfeição a que chegou: andou na presença de Deus. Como praticasse este santo exercicio, via abreviada e facil da perfeição christã, diz-nol-o elle n'um documento que os historiadores conservaram.

Demorava-se o Santo Conde em Avinhão, onde fôra cortejar a Roberto que ia receber das mãos do Papa a corôa de Napoles, e Santa Delfina inquietava por não saber novas d'elle havia mezes, escreveu-lhe manifestando-lhe os cuidados em que estava a seu respeito. O Santo respondeu-lhe:

«Não comprehendo as tuas inquietações, tendo, como tens, ensejo de me vêres todos os dias e até a todos os momentos. A habitação onde demoro mais assiduamente é o Coração de Jesus. Asseguro-te que me encontrarás sempre que lá me procurares. Escusas pois novas minhas d'ora avante».

O coração de Jesus era o sanctuario onde o seu ardia continuamente como alampada a que o mais puro oleo do amor alimento a chama.

Na côrte de Roberto, na campanha de Roma contra Henrique VII, na côrte de Paris como embaixador da de Napoles, no seu palacio, em toda a parte, Elzeario, occupava-se nos misteres da sua vida publica, entretinha-se honestamente com a nobreza com que tinha trato; o seu coração porém, não estava na côrte, nem nos recreios do palacio, estava no peito de Jesus a arder, a amar.

Se soubessemos como este Santo, entrar no peito de Jesus, e ali deixar o nosso coração, todo o dia, toda a noite, durante os nossos trabalhos, a amar, a arder como a alampada do sanctuario que nunca se apaga, como chegariam facilmente á santidade?

Era este santo exercicio que dava ás suas palavras uma doçura e afabilidade, que penetravam o coração dos que o tratavam, a seu rosto, uma serenidade, que encantava, e a todo seu porte uma compostura e simplicidade que captivava a todos. O conde de Ariano era amado e respeitado por nobres e plebeus.

Não havia caracter por violento que fosse que se não abrandasse na presença d'este exemplar de amabilidade christã. Os povos de Ariano inimigos da dominação franceza recusam reconhecer o por seu senhor; Elzeario sae de Provença, visita-os e tanto bastou para serenar tudo. Roberto rei de Napoles encarrega lhe a educação de seu filho Carlos, principe de instinctos ferozes e d'um genio viperino; alguns annos de trato com Elzeario bastam para lhe ameigar o caracter e fazel-o um principe christão, tratavel e capaz de honrar a religião e o reino. Entre os papeis do seu fallecido pae encontra-se uma carta de um nobre vasallo em que lhe pedia desherdasse a Elzeario que era filho para claustro de frades e não para representante da sua familia.

O Santo tratou a partir de então com tanto carinho, e com taes provas de especial dedicação o seu injuriador, que este reconheceu a sua falta.

«Não era austera nem sombria a sua piedade, diz um historiador, a doçura a afabilidade e a graça transluziam no seu rosto; a bondade de sua alma reflectia-se em todos os seus movimentos».

E o Breviario Franciscano acrescenta.

«Nunca houve revêz que o indignasse, ninguém o viu perturbado, nem mudado do seu natural bondosos e afavel».

Favorecido de Deus pelo dom dos milagres e da prophecia, recreado com extasis celestes e visões divinas, morreu chorado por todos, em Paris onde fora como delegado da côrte de Napoles solicitar a mão da princeza Maria, filha do conde de Valois, para o duque de Calabria, de que o Santo fôra preceptor.

Era em 1325 e tinha quarenta annos apenas. Poucos annos depois Urbano V afilhado do Santo, movido pelos prodigios que se operavam por sua intercessão, e pela prophecia que o seu glorioso padrinho fizera da sua elevação ao Summo Pontificado, inscreveu o no catalogo dos santos, com universal applauso do povo christão de Roma, Napoles, Provença e Paris testemunhas da sua virtude.

Festeja-se a 27 de setembro.



Virtude a imitar

A paz da alma (Conclusão). — Ha ainda outro impecillo da paz interior : as luctas da consciencia.

Não visamos sob este nome os remorsos do criminoso que faz do peccado o seu passatempo, o seu goso, prazer e vida; para este não ha paz, porque a não ha para o impio, porque a não ha, para quem traz guerra com Deus; mas sim os violentos esforços que as almas, habituadas a qualquer má paixão, fazem para se resgatarem do habito contrahido, quer por fraqueza, quer por perveridade.

Estas almas sentem a medonha antitese entre o quero da razão e da consciencia e o não quero da natureza habituada ao mal; d'estas duas entidades moraes que se fazem guerra sem treguas, dentro da alma theatro e testemunha responsavel d'este dolorosissimo duello. Juram hoje grandes propositos, promettem novas rezas, propõem novas praticas de perseverança; o inferno inteiro parece-lhes impotente para removel-as, tão confiadas estão na sua coragem. Passam-se alguns dias, o fervor abate, sopra o vento da tentação e dá em terra com aquelle edificio fundado sobre a areia da confiança propria. Apodera-se d'ellas um espanto, filho do orgulho, um tedio mortal; desanimam de reconstruir as ruinas dos propositos mal logrados, mas a voz da consciencia grita pelo dever, e estas almas propõem novamente, desconfiadas do exito, sem a coragem das almas que confiam em Deus. Uma nova queda basta para as desanimar quasi totalmente:

«Se d'esta vez não preserverei, já não ha meio possivel» costumam dizer estes christãos considerando os esforços que fizeram, e as vezes que imploram o socorro divino baldadamente.

O desalento chega a tanto que muitas vezes fal-as desesperar:

«Mal por mal antes as angustias do crime, que ao menos tem prazer» é o ultimo desenlace de muitas almas d'estas.

Este luctar, tristissimo muitas vezes pelo desfecho, rouba a paz interior a estas almas no momento em que lhe era mais necessaria.

Um valente commandante de companhia, no mais rijo da refrega, olha com serenidade para a força do inimigo; por entre o sibilar das balas e o restrugir dos canhões, observa com placidez de animo os passos do adversario e traça com socegada attenção o plano de defesa. Um pouco de perturbação interior, de desassocego, hastava para esbandalhar as suas tropas. E' o que se passa com as almas que militam nas guerras interiores; a paz abandona-as, o desassocego ennuvia lhes a mente, perdem o caminho que leva a Deus. e não atinam com viela alguma que as reconduza ao seio do grande Pae de Familia.

Mas pode haver socego e paz de espirito depois da culpa?

Pode, e deve havel o. O desassocego da alma depois da queda leva ao desespero, e se este é um crime contra o Espirito Santo o caminho que a elle conduz é o tambem. São ambos filhos do demonio que sabendo, que basta para salvar-se um christão, que a sua ultima respiração seja um ai de arrependimento, esforça-se por privar-nos d'elle, desesperando-nos.

Este astutissimo inimigo da nossa alma, para nos illaquear na tentação, antes de seduzir-nos, pinta-nos facilima a reconciliação com Deus: depois de vêr-nos cahidos, crava-nos no peito as ultimas settas do tedio, da vergonha, do desalento, para nos acabar de matar com o desespero. Pouco lhe importam os milhões de quedas da alma, o que pretende é que desespere; sabe muito bem que basta depois de milhares de annos de peccado um momento só de dôr para ficar vencido.

Chamem as almas cahidas virtude ao desalento e desassocego interior, mas diabolico e infernal.

O arrependimento christão não é desinquietador da consciencia, não desanima, não abate. Filho do ceu, como toda a virtude, é placido, dóce, e corajosamente operativo. O verdadeiro christão não se espanta ao vêr-se recachido em culpa; reconhece que é nada e que o nada sem Deus, nada vale. Humilha-se na presença de Deus, confessa a sua extrema e absoluta fraqueza de que deu prova peccando, e confia na misericordia divina que o alentará, que o fará forte. Se a sua fraqueza lhe motiva nova queda, humilha-se mais ainda, e cresce de confiança, certo de quanto mais miseravel é e se confessa ser, mais perto d'elle está Deus com sua misericordia. O demonio vendo que as quedas que proporciona áquella alma, não fazem senão abysmal-a em humildade, abandona o campo da batalha, e Deus captivado com tanta confiança acaba de roubar-a á tormenta.

N'uma palavra: o arrependimento christão é pacifico, humilde e confiado. Arrependimento, que desinquieta, abate, desalenta e rouba a coragem á alma, é diabolico. O primeiro leva o filho prodigo ao colo do grande Pae de Familia, o segundo afasta-o d'elle para o entregar sem defeza nas mãos do inimigo infernal.

Demais, ainda outra reflexão, não está o peccador por desgraçado que seja obrigado a esperar em Deus como a crêr n'elle? Não é para o peccador um preceito tão grave a esperança como é a fé? E se esta sem obras é morta aquella sem coragem o que será?

A esperança é operativa como a fé e se esta faz o christão poderoso como Deus, porque este Senhor obra no crente, aquella fal-o invencivel porque Deus peleja com a alma confiada. Vêde como peleja com denodo e furia sempre crescente o campeador destemido, ferido já em mil partes. E porque, o não desanimam tantos golpes? Porque espera victoria.

Se a alma ferida já tantas vezes pelo demonio, soubesse cumprir o preceito da esperança, soubesse confiar em Deus, levantar-se-hia com nova furia e espumante de raiva contra um inimigo tão fraco que só o pode vencer com as armas alheias, quando o seu adversario desesperar e largar armas.

«Pois sim, mas essa esperança é para santos», dizem as almas desalentadas.

Os santos não esperaram porque eram santos, esperam antes de o serem, para o serem; a esperança foi causa e não effeito da santidade d'elles. Alem de que a esperança é um preceito universal.

Filho do inferno, inimigo de Deus por lhe roubar seus filhos pelo desespero, o desalento é ainda offensivo da misericordia divina.

O peccador está obrigado a crêr que Deus é

misericordioso, como crê que é justo, omnipotente e sabio. E não se exerce este attributo divino sobre a miseria? Exerce, e á maior miseria corresponde maior misericordia.

Caminhaes por uma rua, um pobre pede-vos esmola, julgael o pouco necessitado e negaes-lh'a. Continuaes; adiante é um cego, meio nu, os membros uma disformidade, uma chaga, um aleijão disforme, a implorar-vos em voz sumida a vossa caridade. Rouba-vos o coração tanta miseria, é-vos impossivel não soccorrer o miseravel.

Pois os miseraveis de Deus, o objecto da sua misericordia são os peccadores e quanto mais miseraveis forem mais perto d'elles está Deus com sua misericordia. Foi o Deus da misericordia que abriu os braços a Dimas, a Agostinho, á Magdalena, a Margarida de Cortona e a tantos desgraçados peccadores cujos crimes ainda hoje espantam a humanidade.

As mães tem especial predilecção, carinhos particulares, para os filhos mais enfermos e que lhes dão mais cuidados. Não neguemos esta qualidade a Deus. Elle tem cuidados especiaes de misericordia para os grandes peccadores, os seus affectos de pae são maximos para com elles.

Almas tentadas não queiraes ferir o coração do Pae Celeste que vos estende os braços, depondo as armas na mão do inimigo, descoroçoando da victoria; não vos oppunhaes á sua misericordia infinita, deixae que ella se exerça sobre vós esperando n'ella. Cahistes, levántae-vos com promptidão, paz e coragem, humilhados mas confiados em Deus que vos estende a sua mão misericordiosa. Tornastes a cahir, não vos queixeis de Deus que vos não valeu, lamentae a vossa pouca coragem, a vossa desalentada e tibia esperança, e tornaes a levantar-vos com nova raiva contra o inimigo que nos quer levar ao desespero, com maior esperança na misericordia divina e mais profunda e convicta desconfiança de vós mesmos.

Assim podercis pelejar com socego de alma, e alcançar victoria.



Indulgencias Plenarias

Uma á escolha em qualquer dia do mez.

Outra para os Terceiros que assistirem á reunião mensal.

No dia 4 — Santa Rosa de Viterbo.

No dia 13 — Santa Veronica Juliana.

No dia 18 — S. José de Cupertino.

No dia 27 — S. Elzeario, conde de Ariano.



Absolvição geral

No dia 17 — Impressão das Chagas de S. Francisco.

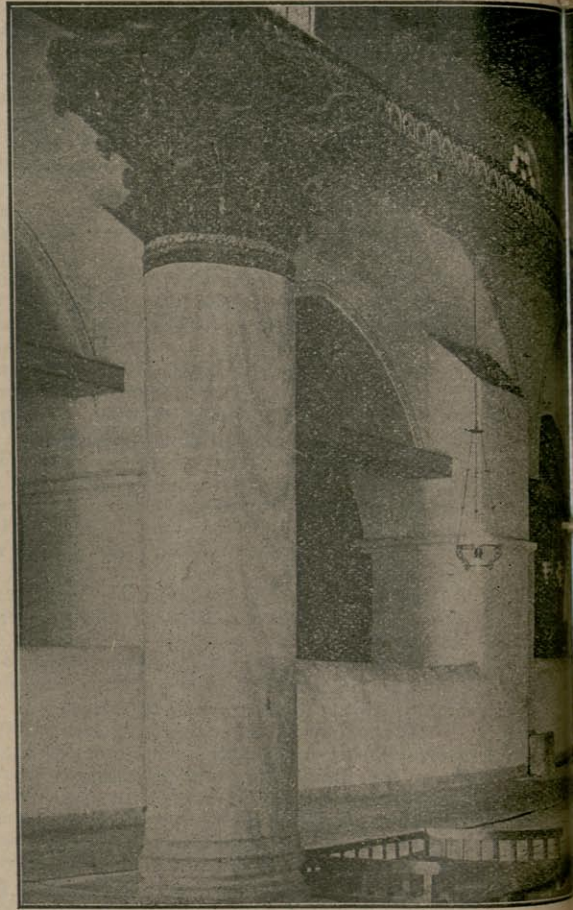


Secção historica

Convento e Igreja de Santo Antonio em Aveiro

(CONCLUSÃO)

EXTINCTAS as ordens religiosas, em 1834, os habitadores d'este convento dispersaram-se por diversas localidades, fi-



INTERIOR DA EGREJA DA

cando a viver em Aveiro, o Guardião e Frei João da Murtosa, que no seculo se chamou José Marques da Silva Valente.

De todos os seus companheiros foi este o ultimo que falleceu.

Nasceu em 9 de maio de 1810, no lugar do Monte, freguezia de Murtosa, no actual concelho de Estarreja. Era filho de Domingos José Lopes, fallecido a 8 de ja-

neiro de 1830 e de Domingas da Conceição Valente, que falleceu em 27 de setembro de 1819.

Frei João da Murtosa começou a estudar latim em 15 de outubro de 1821, com o Padre Simão Marques dos Santos, residente na mesma freguezia.

Em 10 de maio de 1825 recebeu o habito de noviço no convento de Santo Antonio do Valle da Piedade, onde em 16 de

sissimos para o agraciado. Foi logo conhecido *Passante*, por cujo motivo foi sempre nomeado como tal até á sua morte.

Desde que saiu do convento dedicou-se gratuitamente ao ensino de diversos preparatorios, e com especialidade a de latim, logica, rhetorica e historia.

Foi prégador eminente e deixou grande cópia de sermões, que, impressos, dariam alguns volumes.

Tambem gratuitamente e quasi até á morte foi o Commissario da Ordem Terceira de S. Francisco, em Aveiro.

Em 1845 foi nomeado examinador synodal no Bispado de Aveiro e desde 1853 até 1857 leccionou theologia moral.

Reorganizado n'este ultimo anno o curso ecclesiastico, ficou desde então a reger a cadeira de theologia dogmatica.

Foi tambem professor de canto-chão, na escola annexa ao mesmo curso.

Durante alguns annos foi substituto extraordinario da quarta cadeira do lyceu de Aveiro, vaga no impedimento de Luiz Cypriano Coelho de Magalhães, pae do bem conhecido José Estevam Coelho de Magalhães.

Foi nomeado encommendado da Igreja da Vera Cruz em janeiro de 1859 e, em julho do anno immediato, depois de concurso por provas publicas, foi nomeado definitivamente Prior da mesma freguezia.

Até morrer, conservou sempre muito lucidas as suas faculdades intellectuaes e a voz muito sonora, e nunca perdeu o seu amor pela musica, arte, em que era eminente.

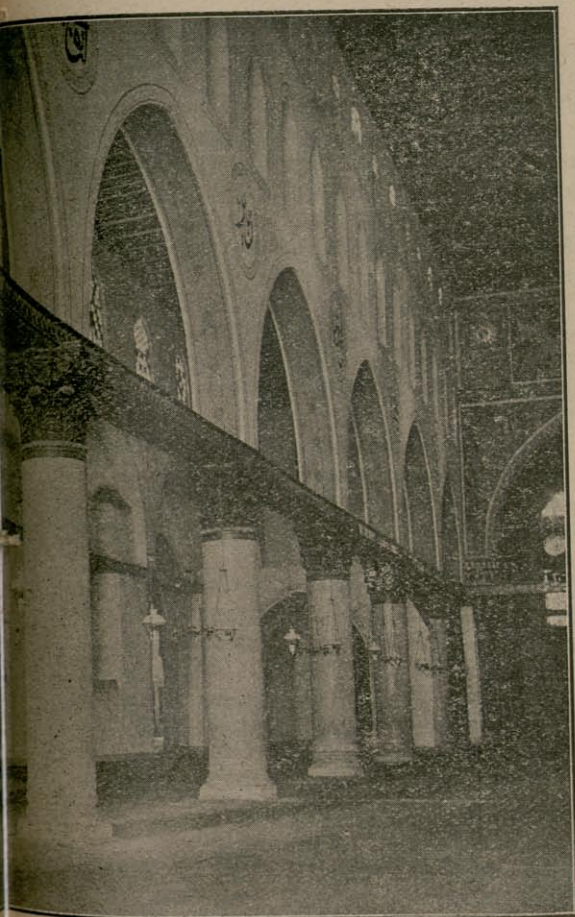
Viveu sempre com parcimonia e com muita modestia n'uma humilde casa, que comprára na rua Nova de Santo Antonio, e ahi, tendo recebido todos os sacramentos da Igreja morreu em 25 de fevereiro de 1880.

*

O convento de Santo Antonio de Aveiro teve diversas applicações depois de 1834.

Uma grande parte ficou devoluta e outra foi habitada por alguns veteranos, como já era, quando ahi residiam os religiosos.

Por uma portaria da Junta do Credito Publico, de 30 de novembro de 1848, foi essa parte devoluta e entregue ao Batalhão de Caçadores n.º 7, estacionado em Avei-



PRESENTAÇÃO (JERUSALEM)

janeiro de 1828 começou a estudar philosophia.

Continuou com os seus estudos com tanto aproveitamento, que poude pouco depois ir ao concurso de diversas disciplinas, sendo nomeado professor de philosophia para o collegio, instituido n'este convento.

Esta nomeação foi em 5 de janeiro de 1834 e foi acompanhada de termos honro-

ro e que na mesma parte estabeleceu o hospital militar.

Tendo saído para Guimarães o mesmo Batalhão, tornou a ficar devoluta, desde 1850.

Em 1854, havendo receios, de que em Aveiro o cholera-morbus atacasse as pessoas menos favorecidas da fortuna, foi essa parte do convento destinada para hospital provisório. Tal não aconteceu n'esse anno, mas no immediato.

Reconheceu-se, porem, que nem o local nem o edificio tinham condições, para hospital e este ficou estabelecido no antigo e então devoluto hospital da Misericordia.

Desde novembro de 1856 foi occupada uma pequena parte d'este convento pelo Lyceu Nacional, até que este em 15 de fevereiro de 1860 foi instalado definitivamente no edificio, que para isso fôra construído na Praça municipal a pedido de José Estevam Coelho de Magalhães.

O resto do convento, durante aquelle periodo, ficou entregue ao Ministro da Guerra e foi habitado por uma companhia de veteranos.

Depois de 1860 tornou a ficar devoluta uma grande parte d'este edificio até que em 1864 e depois de algumas obras importantes, ficou servindo de quartel á força militar aqui estacionada e que era apenas de um destacamento, commandado por um capitão e por um ou dois subalternos.

Tendo sido creado, pela reforma do exercito de 30 de outubro de 1884, o Regimento de Cavallaria n.º 10, a camara de Aveiro e os habitantes d'esta cidade obtiveram, que ficasse aqui o quartel do mesmo regimento.

A camara tratou de adaptar este edificio para quartel provisório e n'elle se accommodou o Regimento de Cavallaria n.º 10 deesde 18 de janeiro de 1885, em que entrou em Aveiro, até ao dia 8 de setembro de 1888, em que foi habitar o seu actual quartel no sitio de Sá.

Custaram 3:000\$000 réis ao municipio aveirense as obras feitas então no extinto convento de Santo Antonio.

Este edificio acha-se muito arruinado, mas ainda se conserva em soffrivel estado o claustro; a casa, que fôra da livraria é a antiga habitação dos prelados e dos hospedes.

Actualmente serve de paiol da força mi-

litar, aqui estacionada, e é guardado por tres ou quatro soldados.

Tem havido a ideia de applicar este edificio ou para quartel exclusivo da força de cavallaria; ou para escola agricola; ou para escola districtal; ou, finalmente, para o Asylo da Infancia Desvalida do sexo masculino.

*

Depois da extincção dos conventos, foi entregue pelo Bispo de Aveiro a Egreja de Santo Antonio á Ordem Terceira de S. Francisco, cujo templo lhe fica contiguo.

Essa entrega foi provisoria, mas por uma bem entendida tolerancia, ninguem com isso se mostrou contrariado, até que em 1877 alguém reconheceu, que essa concessão não estava segura, porque não tinha o cunho official.

Por isso a mesma Ordem tratou de obter essa concessão officialmente e em 4 de fevereiro do mesmo anno a conseguiu, sendo ministro da fazenda Antonio de Serpa Pimentel.

Essa concessão foi registada, na Repartição dos Proprios Nacionaes, em 27 de agosto do mesmo anno; e em 29 foi registada na Repartição de Fazenda do districto de Aveiro.

Em 10 de novembro a Ordem Terceira tomou posse d'este templo. O acto foi feito com todas as formalidades, assistindo o Padre Commissario, João José Marques da Silva Valente; e o administrador do concelho, que era então o dr. Manoel Nunes de Oliveira Sobreiro.

Desde que esta Egreja foi entregue á Ordem Terceira, foi sempre tratada com toda a decencia.

Em 1879 abriu-se um arco para ficarem communicados os dois templos e a pedra, que por causa d'isso, saiu da parede, foi vendida em 25 de janeiro de 1880.

N'esse mesmo anno mandou-se estradar todo este templo e foram feitos diversos concertos.

*

Aqui nunca houve confraria legalmente erecta. Depois da extincção do convento, alguns devotos organisaram uma associação para honrarem a Santo Antonio e desde

então até agora não tem deixado de se prestar culto ao Thaumaturgo portuguez, fazendo se-lhe a sua festividade, quasi sempre precedida de uma trezena.

Tambem desde então se organiou uma associação de devotos, para aqui prestarem culto á imagem de Nossa Senhora das Dôres.

Estes devotos, como os de Santo Antonio, eram nomeados annualmente, sem distincção de classes nem de sexos e sem numero fixo.

Até 1869 fazia-se a festa da Senhora das Dôres no terceiro domingo do mez de setembro.

Nesse anno falleceu o Padre José Joaquim de Carvalho e Goes, que era então Vigario Geral do Bispado de Aveiro e que sempre foi um grande devoto da Virgem sob aquella invocação.

Por esse motivo, affrouxou de tal maneira o zelo dos devotos, que só fizeram a festividade nos dois annos immediatos e sem o brillantismo que nos outros tempos a tornava uma das melhores de Aveiro.

*

Em 17 de fevereiro de 1878 foi aqui instaurada a devoção do Apostolado do Coração de Jesus e collocado no altar, chamado de Isabel da Luz, um quadro, apropriado para o culto da mesma devoção.

Por motivos especiaes, a respectiva associação saiu d'aqui e foi em 1880 instalar se na Igreja, que então servia de Sé e ainda ahí se conserva.

Em virtude de um officio da Administração Geral d'este districto e datado de 29 de julho de 1841, compareceram, na cerca d'este convento em 13 do mez seguinte, o administrador d'este concelho, dr. Luiz dos Santos Regalla; e José Venancio da Silva Guimarães, que estava servindo de secretario da Administração, e diversos individuos, para louvados e testemunhas.

Cumprindo as ordens superiores, trataram de avaliar a mesma cerca. E esta foi avaliada em 650\$000 réis e no anno immediato foi vendida ao snr. Pedro Antonio Rebocho, depois general da divisão militar de Vizeu e visconde de Santo Antonio, a cujos herdeiros hoje pertence.

A respeito d'este convento e de seus habitadores muito mais se poderia dizer, mas fico por aqui, para não me tornar enfadonho e agora passarei a fallar de outros templos e institutos, da Ordem Francisca-na, estabelecidos em Aveiro.

Aveiro.

RANGEL DE QUADROS.



PENSAMENTOS

O fado dos grandes corações é o soffrimento e a adversidade alheia martyrizá-os mais que a propria.

A Educação

Fraco e imbecil o educador que não sabe dispensar a palmatoria, sangrenta reliquia de barbara antiguidade... Que fero não deve ser o coração d'esses pedagogos para martyrizarem tão tyranicamente, anjos a quem Deus prodigalizou caricias e assegurou o Paraizo, a quem Francisco Solano, S. Vicente Ferrer, Dom Bosco, dispensaram cuidados maternos, a quem qualquer coração humano consagra sympathia christã! Os leões da selva téem cuidados paternos para os seus pequeninos, taes mestres não téem um carinho para os pequeninos do Christo da Galileia!...

Todo o homem tem direito ao nosso amor porque é a imagem de Deus. os innocentes a imagem mais pura e completa do Creador, não nos merecerão amor, dedicação e respeito? Não será a candura da sua alma mais estimada de Jesus que a nossa frouxa penitencia? Porque não respeitamos esses amigos queridos do Coração do bom Deus?

Recordem-se ainda taes educadores que uma é a educação do cavallo outra a da creança.

Aquelle porque nada entende domestica-se pela espora e pelo freio. Esta não vae assim; intelligencia em flôr começa a desabrochar se ao sol, de toda a intelligencia humana: — a verdade... E' pois pela persuasão que a educareis. Persuadi-a com boas culpas, persuadi-a com razões claras e singelas, da necessidade de serem respeitadoras da auctoridade, estudiosas, modestas em tudo e com todos... e vereis como ella cresce deante de Deus e dos homens em sabedoria e virtude.....

Tem-se dito que é mais facil a educação de jovens feitos, que a infantil. Mentira. A creança tenra, não sabe o que é julgar mal, o que é o rancor, o odio, os preconceitos retidos. Se a avisaes com doçura, se vê que a amaes com realidade, que vos interessaes por ella no collegio, como sua

mãe no lar domestico, ou talvez melhor, deixa conduzir-se pela vossa mão para onde quizerdes. Os genios mais acres não resistem á educação christã do verdadeiro Christo: — do Christo do amor, da docilidade, da grandeza de coração.

(De l'Education Chretienne).

MARQUEZ DE ARSEILLE.

O silencio é muitas vezes mais significativo e sublime, que a mais nobre e expressiva eloquencia. Em muitas occasiões é signal d'um grande espirito.

A caridade não entra no coração do homem sem combate, porque encontra um inimigo jurado, o orgulho, origem do egoismo e inimizado.

Toda a honra para o coração humano é pezo e mais se pode chamar *Onus* que *Honor*.

Nada confunde tanto como vêr descobertos os desejos de ser louvado.



ANECDOTAS

Dois provincianos vão ao theatro real pela primeira vez. Depois de uma cavatina, começou o primeiro côro.

— Ouve, Jeronyma.

— Porque é que cantam todos ao mesmo tempo?

— Não sejas tola, mulher, é para acabar mais depressa.

Certo boticario, que por nome não se perca, mandou chamar um serralheiro para ajustar o feito de uma grade. No meio dos debates do ajuste, o artista fallou em Deus, segundo o costume de nosso povo.

O pharmacopola, quando tal nome ouviu, exclama: — Bom! Bom! Pois V. ainda me falla em Deus?

— Sim senhor. E porque não hei de fallar?

— Ora! Isso são trapalhadas inventadas pelos padres.

— Oh! o senhor nega a existencia de Deus?

— Nego, sim.

— Então, temos conversado!... Sem mais! e ia sahindo, como quem queria fugir.

— Venha cá homem; então faz-me a grade?

— N'essa não caio eu. Se V. nega a existencia de Deus, tambem é capaz de me negar o feito da grade, e eu não quero questões com ninguem.

Dito isto, safou-se com toda a presteza, sem olhar para traz, como quem se escapa de uma outra Sodoma.



Leituras amenas

A flôr da morta

(LENDA ITALIANA)

UM aprazivel e risonho logarejo italiano vivia um pae de familia com sua mulher e uma graciosa filhinha, que idolatravam.

Bem que desprovidos e faltos de bens da fortuna, eram ricos de graças e bençãos do céo. A virtude achara boa poisada e acolhimento debaixo d'aquelle tecto.

Joanninha, era o nome da creança que crescia em belleza e innocencia. Desde seus mais verdes annos sentiu uma predilecção especial pelas rosas. Todos os dias ao despontar da manhã ia colher algumas, que alegre depunha aos pés da sua *Madonna del Rosario*.

Um dia uma mendiga, sympathica velha dos seus setenta, batia á porta do modesto aposento bem conhecido já em todo o lugar. N'este entrementes vinha Joanna do seu jardim com uma mão cheia de delicadas rosas.

— Senhora, volta-se a velha para a velha dona da casa, você errou por força o nome d'este anjo de Deus; deveria tel a chamado Rosa.

A pequena sorriu.

— Vê, torna-lhe a velha, até ella gostava mais do nome de Rosa e d'ora ávante vou chamal-a assim.

— Se te apraz, Joanninha, que eu te chame Rosa, deixa-me vêr um beijo.

Joanna correu para a velha, beijou-a e deu-lhe a mais bella rosa, que havia colhido n'aquella manhã de primavera.

De futuro seus paes chamaram-a na Rosa, e pouco a pouco se foi vulgarizando o nome, e por fórma que ninguem a conhecia já por Joanna.

Rosa, appressemo-nos tambem a chamal-a assim, era o encanto de todos, e a

mais bella rapariga, que possa imaginar-se.

Aos oito annos seus paes confiaram-lhe o pequeno rebanho, que com umas geiritas de terra fazia todos os seus haveres.

Todas as manhãs cedo saía com o seu rebanho para o monte, e aí sentada á sombra das arvores passava o tempo a fiar na sua roca ou a fazer meia, e passava ás vezes as contas do seu rosario ou apanhava um avental d'essas flôres agrestes, que povoam os montes, para tecer uma coroa á sua *Madonnina*, como ella lhe chamava.

Passou assim muitos annos.

Os rapazes da visinhança todos á porfia queriam desposal a; ella é que a nenhum dava resposta satisfactoria e definitiva.

— Quando chegar o tempo o pae e a mãe pensarão n'isso, dizia.

O tempo chegou effectivamente.

Pedro, um excellente rapaz de bons costumes e medianamente remediado pediu-a em casamento.

A bom grado annuiram a seu pedido. Ao passo que Pedro se orgulhava da sua futura esposa, os outros viviam descontentes, mas não houve remedio, tiveram de resignar-se, se exceptuarmos Francisco, um rapaz de costumes perdidos e empregado de padaria.

Francisco era o alvo dos motejos e zombarias dos companheiros.

— Perdeste, Francisco, Rosa é de Pedro.

— Elles ainda não casaram...

Taes palavras foram referidas á mãe de Rosa, e chocaram-na gravemente. Rosa, porém, não lhes deu grande peso, e n'aquella jovialidade e graça, que a dotava, contentou-se com o repetir o adagio: *Cão que ladra não morde.*

Rosa continuou sua tarefa.

Uma manhã que ia com seu rebanho despreoccupada e movendo lentamente o fuso de sua roca saiu-lhe Francisco inesperadamente ao encontro: queria evital-o, mas era-lhe inteiramente impossivel. Deu-lhe cortez e delicadamente os bons dias, e ia para seguir caminho quando Francisco se lhe antolhou e lhe disse com ares de severidade, e gesto ameaçador:

— Recordas-te, que pedi primeiro a tua mão Rosa? Não quero que te cases com Pedro, ouviste?

— Mas hei de casar, respondeu Rosa

com voz firme e resoluta; dei-lhe a minha palavra de honra, e faltar á palavra dada é peccado.

Os olhos de Francisco faiscavam lume; a raiva assomou-lhe aos labios, corou de vergonha á resposta atrevida d'uma rapariga.

— Torna a dizer?!

— Já disse; Pedro tem a minha palavra, á qual não mentirei por nada d'este mundo.

— Pois bem, tornou-lhe Francisco acceso em ira, dou-te oito dias para pensares. Mas pensa bem. . . Vê lá...

E virou-lhe bruscamente as costas.

Após esta entrevista Rosa seguiu pensativa e cabisbaixa o seu caminho. Chegada ao monte sentou-se á sombra d'um frondoso carvalho, poz a roca no chão, deixou cair a cabeça entre as mãos, e esteve largas horas a scismar.

Avisinhava-se a hora de recolher a casa; pega da roca, conta suas rezas, e desce o monte em direcção ao pobre casebre, onde a esperava seu futuro esposo.

Seu rosto vinha alterado, e em balde tentou serenar-se e occultar o mar de turbações, que se lhe agitavam na alma.

Sucederam-se perguntas a perguntas; que tens? que te fizeram? e ella respondia com um simples *não tenho nada, não me fizeram nada*, que de maneira nenhuma convinha, que Pedro soubesse o que acabava de succeder.

Bem que algo temerosa a joven não se atrevia a delatar o caso, e continuou na sua faina quotidiana de pastora.

Correram os oito dias sem incidente lamentavel. Fazia uma semana precisamente e o perverso Francisco deparava-se-lhe de novo ao meio do caminho. Rosa empallideceu e tremeu.

— Então já pensaste? Termina hoje o praso quo te dei para decidires do casamento, e quero a tua ultima palavra sobre o assumpto.

— Já disse o que havia a dizer: não posso ser infiel ao contracto, que fiz com Pedro, nem posso mentir á minha consciencia.

A resposta era cathgorica mas decisiva.

— Nada, pensava Francisco só por só, vingarei a minha honra, não posso deixar vencer-me por uma imbecil de vinte e dois annos.

Com os olhos chamejando fogo, bocca espumante, sem piedade e sem dó investiu contra a infeliz, e levado nas azas da ira quebrou-lhe a cabeça com uma grande pedra, ou como em bom portuguez se diz com um calhau, abriu-lhe o craneo, deixou-a estendida no chão banhada n'um rio de sangue e sem signaes de vida.

Era tarde feita. O sol declinava ligeiro para seu occaso e Rosa sem apparecer em casa.

Prevedo qualquer catastrophe e infeliz desenlace seus paes correram ao monte em busca da mallograda rapariga.

E' facil de suppor sua magoa e afflicção ao toparem o cadaver ainda mal frio de Rosa ao pé d'um grosso carvalho, envolto n'um mar de sangue.

Fóra de si dirigiram-se de novo para o logar, onde relataram a toda a gente o fim desastroso de Rosa.

Todos tiveram uma lagrima sentida para aquelles paes amarguradas e inconsolaveis.

No dia seguinte, e é este um antigo costume d'aquelle povo em iguaes circumstancias, abria-se uma cova no logar do assassinato, e erguia-se uma cruz de paz, que ainda hoje faz recordar a quem subir áquelle monte uma morte violenta, um crime execrando, que alli se perpetrou.

Era manhã. Os pastores conduziam seus gados. Ao passar pelo carvalho, a cujo tronco, algumas vezes secular, jazia Rosa, victima da barbarie e malvadez, não seguiram adeante sem ir depositar o preito de saudade junto á cova da companheira extincta e ferozmente assassinada.

Ficaram attonitos; ao pé da sepultura banhada ainda pelo sangue da victima, refloria robusta e fresca uma roseira com uma púrpurea rosa ao centro e uma pinta de sangue em cada folha.

Entreolhavam-se e a medo proferiam palavras indecisas sem poder decifrar o mysterio.

O caso espalhou-se depressa.

— Será sonho? será phantasia de rapazes?

Todo o logar correu em peso a examinar o estranho evento. Dito e feito: não era sonho, não era phantasia de rapazes, era uma inexplicavel e inaudita realidade: alli estava a roseira de pujante verdura, a *roseira da morta* como soem chamar-lhe as naturaes de Marro.

Marro, notemol-o de passagem, foi o theatro da lenda, aliás antiquissima e ininterrupta, que temos entre mãos.

*

Era voz corrente na aldeiola, que pagaria caro seu anseio e temeridade, quem se atrevesse a colher a *flôr da morta*. Dizia-se, que morreria dentro d'um mez, e vem a pello accrescentar: que a rosa se renovava todos os mezes.

Uma vez certa senhora nobre, e que desde pouco morava n'um castello visinho ouviu a narração minuciosa e circumstanciada do fim tragico da pastora, e da milagrosa roseira, que medrava junto da sepultura, e riu-se.

— Não se ria, senhora, diz lhe o velho castellão; não se ri impunemente dos mortos.

Mas ella riu e tornou a rir. Riu-se de de mais por signal.

— A' fé que colherei amanhã a *rosa da morta*, disse apparentando fortaleza.

— Veja em que se mette, minha senhora, os mortos não estão para historias; creia n'estas barbas brancas, signal d'uma experiencia de muitos annos, não ultraje a creança dos velhos, a fé de nossos maiores.

E ella ria da simplicidade do castellão, e da supersticiosa creença do povo.

Sua resolução estava tomada.

Era sol nado; a dama cortejada por toda a nobreza do soberbo castello ia caminho do monte. Colheu a flôr.

Passou o dia jocosa e alegre jactando-se de sua proeza, e ridicularizando a ingenuidade aldeã e patriarcal do velho castellão. Mas quando á ceia apparecia toda emperdigada de flôr ao peito, empallideceu, confrangiram-se-lhe os membros, perdeu os sentidos. Arranoaram-lhe a rosa do peito, deitaram-na no leito, mas coisa inutil; a morte exigia sua flôr, e tirava dura vingança do atrevimento e ousadia: a dama adormecia para não tornar a acordar.

Desde então a esta parte ninguem tocou mais na flôr da morta.

*

Constancia era uma pastora de quatorze annos, orphã de pae e mãe e de costumes purissimos e verdadeiramente chris-

tãos. Tinha de seu um pobre casal e um pequeno rebanho, com o qual levava vida pastoril nos montes. Nunca passava, porém, pela *sepultura da morta* sem deter-se alguns iustantes em oração. Tinha demais o cuidado de regar todos os dias com agua do regato, que corria visinho, a mimosa e luxuriante *roseira da morta*.

Correram annos.

Um dia alguém a espreitou, e notou que fallava. Com quem? Decerto com a morta.

O caso fez echo por todo o logar, e desde então affluiram os curiosos á montanha, de maneira, porém, a não serem vistos de Constancia. Ouvia-se, de facto uma voz desconhecida, e que ninguem sabia d'onde vinha.

O caso repetiu-se por vezes.

Uma manhã Constancia não foi guardar o gado. Vestiu o fato domingueiro, e dirigiu-se para a egreja parochial. O prior vinha de celebrar; elle que conhecia a boa alma de Constancia, disse-lhe:

— Então por cá hoje, Constancia.

— Não ha remedio, snr. abbade; tenho uma graça urgente a pedir.

— A's tuas ordens, Constancia; prompto para tudo o em que possa servir-te.

Estiveram depois conversando por largo tempo.

Era ao cahir da tarde, e dois rapazolas notaram que o Prior, Censtancia e o Sachristão, que levava uma caixa debaixo do braço, iam em direcção do monte. Levados de natural curiosidade e escondidos para não serem vistos foram seguindo o abbade e sua pequena comitiva.

Chegados ao monte o sachristão escavava a terra e encerrava na caixa, que trouxera para tal fim, os poucos ossos, que ainda restavam, de Rosa, a assassinada. Ditas as preces rituaes, vão novamente caminho da parochia, e, ao centro da egreja, enterraram os unicos despojos mortaes da lendaria Rosa.

O caso fez echo em todo o logar e arredores. — Porque tão inerperada translação? perguntavam a Constancia, e ella não respondia; perguntavam ao abbade, e nada de novo; perguntavam ao sachristão, que ignorava tudo, menos que foram trasladados os restos mortaes de Rosa para a egreja.

No entretanto o dia das nupcias de Constancia approximava-se.

— Constancia, dizia-lhe um dia seu noi-

vo, tu não tens ninguem; será, pois, minha mãe, que te levará ao altar.

— Agradeço, Sebastião, mas não aceito, não posso acceitar de maneira nenhuma. Uma senhora, que nem tu nem ninguem da nossa terra conhece, mas que desde pequenina conheci eu no monte, a cada passo me repetia: *quando te casares, filha, quero ser tua madrinha*. Ha ainda poucos dias, que m'o pediu, e prometteu-me estar no dia do casamento muito cedo em minha casa.

O dia do Rosario chegou. Era o dia das nupcias.

Logo de manhã o noivo apparecia á porta da casa de Constancia, esperando-a impaciente.

Depois de longo esperar sahia Constancia acompanhada de uma senhora desconhecida, e modestamente trajada á moda da terra. A noiva vinha lindamente vestida, e deixava entrever em seu rosto o que quer que é de mysterioso e felicidade, e tinha para todos um riso franco, filho d'um coração nobre e puro. Sua cabeça corouava-a uma coroa de castas flôres artisticamente entretecidas, e ao meio destacava-se uma rosa d'um pallido encarnado e salpicada de pintas de sangue: era a *rosa da morta*.

O padre esperava-os já no altar.

A madrinha esteve sempre ao lado de Constancia. Mal, porém, eram findas as palavras do ritual, deixou fugir por entre os labios uns sons vagos e confusos, que se perderam no ar, e que só Constancia percebeu; arrancou lhe a rosa, desfolhou-lh'a sobre a cabeça, de i-lhe um osculo na fronte, e desapareceu por entre a multidão.

Constancia seguiu-a com a vista inquieta. Quando já não pôde vel-a, volta-se sorridente para seu esposo, e segreda-lhe ao ouvido:

— Seremos felizes, Sebastião: Rosa, a *morta da montanha*, m'o prometeu; ella olhará por nós e nossos filhos.

Desde então a *roseira da morta* não deu mais flôres. A ultima foi a que Constancia levou ao casamento.



Culto de Santo Antonio

Uma carta

Rev.^o Padre:

Viva Santo Antonio de Lisboa! Para maior gloria d'este sancto, e em prova de meu reconhecimento para com elle, devo dizer-lhe que os christãos a mim confiados e eu mesmo, temos experimentado os effeitos da sua bondade e protecção. O seu a seu dono.

O mesmo M. Pichon em seu *Livro amarello* tecendo um justo elogio aos admiraveis defensores das legações e do *Peit'ang* e patenteando o heroismo dos nossos soldados, reconhece n'elle um auxilio sobrenatural. *Digitus Dei est hic*, se não disse estas palavras manifestou o sentimento d'ellas.

Eu porem, que não escrevo para deputados franco-mações, posso dizer e declarar ingenuamente que o nosso salvador foi Santo Antonio.

Quem me fez sciente do maravilhoso poder d'este Bom Santo foi *la Croix*. Quando a nossa querida *Croix* chega a este canto abandonado do Tchély conforta os nossos corações de padres e francezes. Foi ella quem me induziu a orar a Santo Antonio em favor dos meus christãos. O anno passado procurei uma oleographia do Santo e mandei collocal-a n'uma das columnas do côro da minha pobre e deteriorada igreja. As donzellas da villa teceram-lhe uma grinalda de lyrios e rosas; accendi uma lampada sobre a credencia, symbolo da fé e confiança que desejava infundir no coração dos meus christãos.

No mez de maio de 1900 começou a desencadear-se a tempestade que mais tarde havia de amontoar tantas ruinas nas provincias septentrionaes da China. Era de suprema urgencia salvar a nossa igreja e os nossos christãos da raiva dos Boxers.

Humanamente fallando estavamos perdidos. Longe como estavamos de Tien-Tsin, (mais de 600 leguas) não podiamos contar com as armas de nossos soldados. Alem d'isso, reunindo as forças d'alguma de nossas christandades formavamos um effectivo de 500 ou 600 guerreiros. Os nossos inimi-

gos contavam legiões inteiras. A respeito d'armas provocaria o riso visitar o nosso improvisado arsenal.

Fallando porem em sentido sobrenatural, nós fomos uns valentes. Combatemos por Deus contra o demonio.

Tinhamos da nossa parte Santo Antonio padroeiro das causas humanamente perdidas.

A pequena lampada ardia sempre deante de sua imagem.

«Tende fé, dizia eu aos meus christãos, os Boxers não apagarão com certeza esta lampada».

Reuniam-se as multidões barbaras. Pouco depois escolheram para quartel general uma aldeida proxima situada a 3 kilometros ao sud-oeste de Weitsouënne.

Nós tinhamos postos avançados para a lucta que ia ter lugar; porem dos lados e atraz de nós estavam tres ou quatro christandades que nos ajudavam, promptos a correr em nossa defeza.

No dia 18 de julho teve lugar o primeiro assalto e tão desappercebido que a nossa pequena tropa apenas teve tempo para sahir da aldeida e formar em ordem de batalha.

Dois mil Boxers se lançaram fanaticos e sedentos de nosso sangue. «Os puros, verdadeiros e pretendidos invulneraveis» estavam na primeira fileira. Agitavam os leques, torciam seu corpo em convulsões diabolicas. O spectaculo era para rir se houvesse tempo e vontade para fazel-os. Quando estavam á distancia de 30 ou 40 passos, minha tropa rompeu o fogo e muitos dos «taes invulneraveis» morriam sem remedio. Os restantes por isso que os leques magicos e os passes não os defendiam das nos nossas balas, esconderam-se atraz dos troncos das amargueiras.

A segunda fileira porem dos nossos inimigos formada de homens praticos nas armas fizeram fogo sobre nós, Os projecteis felizmente passavam por cima de nós sem offenderem-nos.

Durante este tempo as mulheres, creanças e anciãos faziam oração por nós. Uns ajoelhados sobre os terraços de suas casas, rezavam o rosario ou lançavam agua benta na direcção em que se encontrava o inimigo; outros tocavam continuamente o pequeno sino da igreja, a cujo som a fé d'elles attribue uma virtude protectora contra

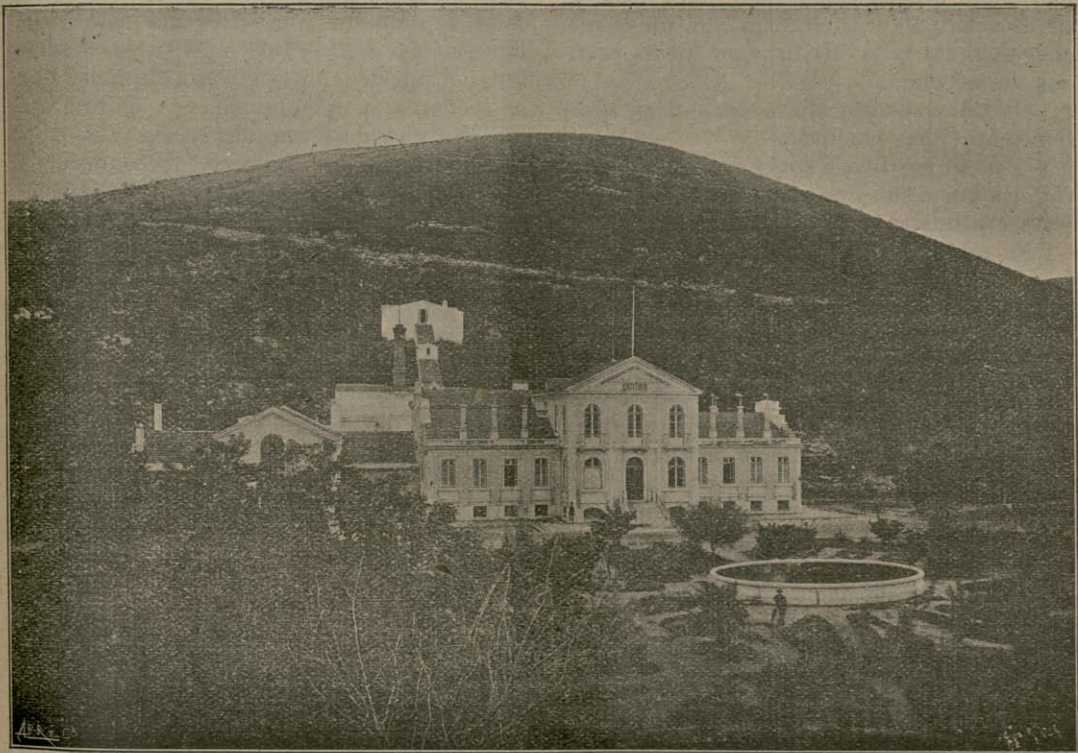
todos os males. A maior parte invocavam com gemidos e lagrimas a protecção de Santo Antonio na egreja deante de sua imagem.

A batalha foi indecisa por muito pouco tempo. O panico invadiu as fileiras inimigas. Debandaram todos e nossos christãos lançando-se sobre elles feriram e mataram um bom numero. Ao meio dia a victoria era completa e os vencedores recitaram «As Aves Marias» no campo de batalha.

Dois dias depois 20 de julho manifes-

vez (a experiencia fel-os mais prudentes), traziam espingardas de tiro rapido, peças d'artilheria, colubrinhas, enfim um exercito formidavel; a esta força de inimigos, apenas podiamos resistir, como já disse 500 ou 600 combatentes. A crhistandade de Tchão Kiatchang trazia tres de seus canhões.

Soprava um vento forte do sul, que nos enchia os olhos de pó. O calor era abraçador. A' sombra marcava o thermometro mais de 40 graus centigrados. Não obstante



♣ THERMAS DOS CUCOS

tou-se mais claramente ainda a protecção divina e a intercessão de Santo Antonio.

Os nossos inimigos abatidos, mas não desanimados tomaram a offensiva; convocaram a nobreza activa e a nobreza auxiliar dos Boxers. No dizer dos mesmos pagãos eram mais de doze mil n'este dia, capazes de aniquilar não só Weits'ouênine, mas tambem todas as christandades visinhas. Levavam sacos e traziam carruagens para conduzirem os despojos do saque. Vinham tambem dos taes «invulneraveis» mas d'esta

todas estas circumstancias desfavoraveis e a falta de proporção quanto ao numero de forças, depois d'um combate de muitas horas, ficamos senhores do campo de batalha. O inimigo teve um grande numero de mortos e feridos.

De nosso lado apenas uma victima; era um estrangeiro chegado do Midi poucos dias antes, que a todo transe quiz pelejar nas nossas fileiras.

Ao primeiro tiro de canhão foi attingido por um projectil do inimigo que lhe des-

troçou o craneo. Houve tempo de dar-lhe a absolvição que recebeu em uso de suas faculdades, depois de terminada a batalha; como respirasse ainda, posto que sem sentidos, administrei-lhe a Santa Unção. Morreu no dia seguinte.

De todos os nossos christãos nem um só recebeu a mais leve arranhadura.

Não é isto um prodigio? Na verdade, chistãos e compatriotas contam com respeito a esta batalha outras maravilhas cuja responsabilidade pesa sobre elles, porque não tenho provas sufficientes para desmentir as suas palavras. Fallam de balas que chegando até elles deslisavam pelos vestidos até ao chão.

Os Chinezes são muito inclinados a verem maravilhas em tudo.

O facto positivo e innegavel é a nossa victoria em condições em que a falta era certa e a nossa perdição infallivel.

No mesmo dia 20 o inimigo tentou uma desforra. Menos numerosos que antes, os Boxers queriam esmagar-nos.

Depois de tres ou quatro horas de combate, os bandidos lançaram-se sobre a aldeia que lhes servia de reparo. Perseguiu-os e puzemol-os fóra immediatamente. Minha gente enfurecidos pelo facto queriam matar e destruir tudo. Opuz-me a isso; tambem não permitti o roubo. Era bastante obrigar o inimigo a sustentar-nos sem praticar de nossa parte represalias nem excessos indignos do nome de christão.

Veits'ouénne alem dos 850 christãos contra ainda 300 ou 400 pagãos. Durante a perseguição desappareceram todos estes não querendo nem unir-se a nós contra os Boxeres nem a estes contra nós.

Vencidos e subjugados os Boxers, os nossos pagãos voltaram a suas moradas; felizes por saberem que suas propriedades ficaram intactas, tristes porem e pezarosos por não terem formado causa commum connosco.

A esta vergonha veio juntar-se a crença dos terriveis «Yangping» (soldados do Occidente).

Este duplo motivo os moveu a fazer uma reconciliação. Quarenta familias se alistaram na qualidade de catecumenos. Eu dei-lhes um catechista. As donzellas da aldeia se offereceram para ensinar as mulheres e raparigas. Actualmente todos aprendem a doutrina e as orações.

Este resultado veio frustrar os planos do demonio.

A lampada arde sempre ante a imagem de Santo Antonio.

Varias vezes tenho encontrado sobre a credencia um punhado. Um dia tinha apenas 6. Eis a historia interessante d'estes seis em toda a sua simplicidade, e com ella terminarei esta minha carta.

Uma heroica mulher, que pela sua constancia paciencia e orações tinha convertido o seu marido, jogador de profissão, veio visitar-me para pedir-me uma esmola. Pela falta de dinheiro que eu tinha não podia dar esmola senão aos mais necessitados. Julguei um dever negar-lhe a esmola. Ora os crédores apoquentavam esta pobre mulher em virtude d'uma divida de 300. Ella vae ter com Santo Antonio, e conta-lhe a sua desgraça dizendo: «O padre repelle-me; ao menos Vós escutae-me e socorrei a minha necessidade e maioria».

Quando sahia da egreja, os seus pés pisaram na rua uma coisa dura. Oh prodigio! era uma boa quantidade de dinheiro. Toda contente recolhe a pequena somma e voltando para a sua casa esperou a vêr se na visinhança alguém reclamava o dinheiro.

A pobre mulher deu o que devia a seus crédores; o restante veio deposital-o em acção de graças deante da imagem de Santo Antonio.

Por estes favores e muitos outros que sem duvida somente Deus conhece, os piedosos leitores da «Croix» poderam agradecer ao Nosso Grande Protector. Orem tambem para que possamos reparar as nossas ruinas e continuar sem desanimar a obra de Deus em paizes tão malaventurados.

De sua parte os nossos christãos, oram por seus irmãos da França.

Nós temos soffrido perigo da parte dos Boxers e vós dos maçons. Apesar de nomes distinctos não será porventura a mesma perseguição, o mesmo inimigo, o demonio?

Acceite os sentimentos de amizade etc.

A. WETTERWALD, S. J.



O Pão de Santo Antonio

DECLARAÇÃO

A Redacção da «Voz de Santo Antonio», julga opportuno repetir aqui as declarações já feitas por mais d'uma vez:

a) A instituição do Pão dos Pobres de S. Antonio, posto que seja obra dos Franciscanos funciona independentemente da sua direcção. Poronde,

b) As esmolas depositadas nos cofres de S. Antonio nem são para a «Voz de Santo Antonio», nem para os seus directores e colaboradores, nem para os Franciscanos como aleivosamente aventaram muitos jornaes, mas são exclusivamente para o Pão de Santo Antonio e para obras de caridade promovidas pela commissão administrativa, á qual só cabem as responsabilidades do bom ou mau emprego das ditas esmolas.

c) A «Voz de Santo Antonio», dando publicidade ás muitas cartas de agradecimento que apparecem nos cofres de Santo Antonio, tem só em mira dar gloria a Deus e ao Santo de que é órgão mensal. Não explora a credence do povo, mas fomenta o espirito de piedade. E se muitas das cartas que publica não têm a orthographia e a grammatica desejadas, e empregam indistinctamente o nome de graças ou milagre, não são da redacção as responsabilidades, mas dos proprios signatarios.

De resto a Redacção da «Voz de Santo Antonio», para se conformar com os decretos de Urbano VIII, declara mais uma vez, que não pretende dar aos factos narrados no Culto de Santo Antonio senão um valor meramente historico, deixando á Igreja o julgar da sua authenticidade.

Braga

Petições depositadas.....	31
Cartas de agradecimento.....	11
Total das cartas.....	42

AOS AMIGOS DE SANTO ANTONIO

Pedimos mais uma vez que não se esqueçam de indicar em termos claros e precisos a graça ou graças recebidas de Santo Antonio, para que dignamente se possam publicar na «Voz» em honra e louvor do grande Thaumaturgo.

Confrontando a receita enorme das esmolas mensaes ao Santo para o Pão dos Pobres com as cartas de agradecimento, vemos que a maior parte das graças não vêem ao publico, o que não pôde ser agradavel a Santo Antonio; pois é justo que atteste o seu reconhecimento quem recebe os favores.

— Entrego 8\$000 réis d'uma promessa que fiz, a Santo Antonio por me salvar d'uma raça n'uma occasião em que me andava com uma cria.

Adaufe, 8 de jull.o de 1902. — Luiz d'Oliveira Bouças.

— *Meu glorioso Santo Antonio.* — Agradeço a graça que me fizestes de me dares saude a um menino que os medicos declararam estar com um tifo.

Braga, 10 de julho de 1902. — A. P. C.

— *Meu glorioso Santo Antonio.* — Em cumprimento d'uma promessa que fiz, que foi se ficasse bem nos meus exames, daria a modesta quantia de 500 réis, para o pão dos vossos pobresinhos, venho por este meio cumprir o que prometti.

Um estudante devoto de Santo Antonio, anonymo. — B. M. B. A.

— *Meu glorioso Padre Santo Antonio.* — N'uma grave enfermidade recorri a Vós e fui ouvido. Agradeço e lanço na caixa a esmola promettida para o pão dos vossos pobresinhos.

29-1-1902. — Um devoto agradecido.

— *Glorioso Santo Antonio.* — Agradecendo-vos as muitas graças que me tendes feito em todas as petições que vos fiz, remetto-vos a esmola de 740 réis para o pão dos vossos pobres. Não vos esqueças da minha pobreza e miseria e ajudad-me a salvar a minha pobre alma para ter a felicidade de vos louvar no céu.

O vosso servo e devoto. — J. A. R. C.

— *Milagroso Santo Antonio.* — Aqui vos remetto a libra em ouro que prometti e 5\$000 réis que vos prometteu minha mulher no regresso de minha viagem; ambos vos agradecemos do fundo do coração o milagre que nos fizestes. Cubri-nos com a vossa sagrada protecção milagroso santo, a toda a nossa familia e abençoe os nossos bens.

21-7-902. — J. B.

— *Meu milagroso Padre Santo Antonio* — In- finitas graças vos sejam dadas pelo favor que me alcançastes de Nosso Senhor Jesus Christo a cura de uma menina que era considerada incuravel. Ahi vos deixo 5\$000 réis para o pão dos vossos pobresinhos.

Cidade do Porto. — M. G. S. Gaba.

— *Meu querido Santo Antonio.* — Agradeço-vos a graça que me alcançastes de Nosso Senhor. Ahi vos mando 100 réis, que vos prometti para o pão dos vossos pobres.

Areal. — Uma devota.

ELVAS

Meu Glorioso e protector Santo Antonio. — Agradeço-vos a grande graça que me fizestes alcançando-me de N. S. o milagre de eu continuar n'esta Santa Casa, da qual estive tanto em risco de sahir. Envio-vos os 500 reis para o pão dos vossos pobres como vos prometti, e peço-vos que continueis a proteger-me durante a vida e principalmente na hora da minha morte. — *Vossa Humilde Serva, Maria F. da Encarnação.*

1-8-902.

— *Meu bom Pae Glorioso Santo Antonio.* — Graças vos dou pelo grande milagre que me fizestes tocando com o vosso poder o coração endurecido dos dois homens a quem deviamos e que intentavam deixar-nos sem um bocadinho de pão nem casa para nos abrigarmos. Graças com todas as veras

da minha alma e de todo o meu coração. Tocados por vós tiveram por fim sentimentos mais humanitários; um, perdoou-nos sessenta e quatro mil reis dos grandes juro de doze por cento e o outro não levou adiante o arresto que nos queria fazer, offereço-vos os sete vintens e meio para o pão dos vossos pobrezinhos e se me fizerdes o que tanto vos peço prometto-vos para o pão dos vossos pobres 500 reis. Acudi-me pelo amor de Deus. Abençoe-me meu bom Pae, abençoe também meu infeliz irmão e concedei ao homem caridoso que tanto tem trabalhado para nos conservar este pouco, a felicidade eterna e todo o bem n'este mundo.

Vossa humilde devota. — *M. R. P. S.*
1—8—902.

THOMAS (MONTES)

J. M. J.

Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

Remetto inclusa a quantia de 1\$000 reis destinada ao «Pão de Santo Antonio» e que V. Rev.^{ma} se dignará enviar ao seu devido destino.

Estes 1\$000 reis são dados pela Snr.^a Marianna Julia, do logar de Olalhas: promessa que fez de dar annualmente igual quantia para o pão dos pobres.

Sem outro assumpto de
V. Rev.^{ma} Att.^o Cr.^o Ven. e Obg.

Montes 1—8—902.

Padre Antonio Manuel Pereira.

BARCELLOS

Ex.^{mo} Snr.

Peço a V. Ex.^a o favor de publicar na *Voz de Santo Antonio* estas graças o que desde já agradeço.

Meu querido e Glorioso Santo Antonio. — Eu e minha irmã agradecemos-vos a grande graça que nos fizestes no dia 17 d'este mez, e também vos agradeço o terdes alcançado de N. Senhor, as melhoras a uma pessoa de familia, que esteve muito doente. Offerecemos-vos 100 reis para os vossos pobresinhos e pedimos-vos a graça de nos abençoar e a toda a familia.

Vossas devotas. — *A. — O. — 27 | 7 | 902.*

TORRES VEDRAS (CUNHADOS)

Antonina Cosme Leal Henriques, residente no Casal de Santa Maria, Freguezia de Cunhados. Deseja fazer publico o milagre que recebeu de Santo Antonio dos pobres. Tendo esta pobre mãe um filhinho, gravemente enfermo consultou varios medicos esgotou todos os meios da medicina e, não achando recurso voltou-se para Santo Antonio dos pobres, promettendo-lhe que se lhe melhorasse o seu filho faria publico este milagre para sua honra e gloria e para maior grandeza da nossa Santa religião.

LISBOA

Senhor Director

Rogo-lhe a V. Ex.^a a fineza, que de antemão agradeço, de fazer inserir na *Voz de Santo Antonio*, a declaração de que recebi (a despeito de me considerar o mais indigno dos peccadores) uma *valiosa graça* que attribuo á poderosa intercessão do mesmo grande Santo.

De V. Ex.^a
Servo inutil.

José do Espirito Santo de Battaglia Ramos
(Membro da Pia União de S. Antonio)

Lisboa, rua João de Deus, 13, 1.^o — Em 28 de Julho de 1902.

Snr. Director

Portalegre, 11 de Agosto de 1902.

Junto encontrará uma nota de 500 reis, quantia que envio ao Milagroso Santo Antonio por uma petição, que foi attendida. Peço o obsequio de me accusar a recepção ou na *Voz* ou por postal; como mais lhe convier.

Sou com a maior consideração

De V. Ex.^a
Cr.^o e Obg.^o

Antonio Francisco d'Ascensão.

S. PAIO DE MELGAÇO

Snr. Director da Voz de S. Antonio

Rogo-lhe o obsequio de mandar publicar na *Voz de Santo Antonio* que «Padre José B. Fontes faltando-lhe um documento de certa importancia depois de o ter inutilmente procurado recorreu a Santo Antonio o advogado das cousas perdidas, recitando-lhe o seu responso, e promettendo publicar essa graça se lhe fosse concedida e procurando de novo não decorreram 5 minutos sem que o desejado documento apparecesse.»

De V. Rev.^{ma}
att.^o ven.^{or} e obg.^o

Padre José B. Fontes.

CADAVAL (VILLAR)

Snr. Director da «Voz de Santo Antonio».

Vou informar V. Ex.^a das esmoladas encontradas no cofre do Pão de Santo Antonio em 1901 e do pão que os pobres receberam durante o mesmo anno.

Distribuiram-se 462 pães, aos pobres, ao preço de oitenta réis, o que prefaz a somma de réis 36\$950.

O pão foi dado por varias vezes. No dia da festa do Santo a distribuição foi de oitenta pães a trinta e cinco pobres sendo antes benzida pelo nosso Prior o Rev.^o Padre Manoel Rodrigues da Veiga todo zeloso n'esta obra.

Cantaram-se alguns versos em honra de San-

to Antonio, e em seguida foi feita a distribuição do pão, por duas ou tres zeladores do Coração de Jesus nos dias santificados depois da missa do dia; e como costuma muito povo assistir a este acto religioso succede algumas vezes depois da distribuição sobrar algum pão o qual se costuma a partir em pequenos bocados que se dá ás pessoas presentes que o recebem com muita devoção codsiderando esse pequeno bocado como recordação de Santo Antonio, até o nosso Prior exige um bocadinho, levando-o para sua casa com espirito de fé.

A festa de Santo Antonio este anno foi feita no dia 30 de junho em seguida á festa do Sagrado Coração de Jesus realisada no dia vinte nove.

Dois Padres do Collegio do Barro tendo feito o triduo ao Sagrado Coração de Jesus esperaram pela festa de Santo Antonio em que um dos Rev.^{os} Padres prégou eloquentemente e expôdo ao auditorio a protecção que Santo Antonio tem deante de Deus para com todos aquelles que o invocam com verdadeira fé.

P. S. Envio incluso as cartas de petições e agradecimentos a Santo Antonio encontradas nos cofres pedindo o obsequio da publicidade das mesmas:

— *Meu glorioso Santo Antonio.* — Hoje é o dia em que venho satisfazer a minha promessa pelo grande milagre que me fizestes, em *melhorar minha filha*; por isso vos dou a importância de oito tostões para o pão dos vossos pobresinhos.

Glorioso Santo abençoe a minha filha e toda a nossa familia e não nos desampareis.

— *Meu glorioso Santo Antonio.* — Envio-vos 5\$000 e agradecendo-vos a graça que me concedestes de me *tirar aquella imaginação* que me fazia perder minha alma por todos os motivos; por isso vos peço meu glorioso Santo que continueis a proteger-me na vida mas sobre tudo na hora da morte. Uma devota vossa. — M. — Villar.

P. S. Peço obsequio de mandar esta graça concedida para a «Voz de Santo Antonio».

— *Meu Padre Santo Antonio.* — Venho agradecer o beneficio que me fizestes de alcançardes juizo a minha filha e graças vos dou que elle está bôa como estava, meu glorioso Santo repito-vos do intimo do meu coração que continueis a protegela até fim da sua vida.

Remetto-vos a esmola que vos prometti de 200 réis.

Portella. — *Jacintha das Dôres.*

Quantias recebidas n'esta Redacção e levadas ao seu destino:

Elvas.

M. F. da Encarnação.....	500
M. R. P. S.....	150

Thomar.

Dá snr. ^a Marianna Julia por intermedio do Rev. ^o Padre Antonio Manoel Pereira.....	1\$000
---	--------

Barcellos.

A. O.....	100
-----------	-----

Portalegre.

Antonio Francisco d'Ascenção.....	500
-----------------------------------	-----

Mesão Frio (Villa Juzá).

D. Maria do Rosario Pinheiro.....	100
Total.....	2\$250



OS NOSSOS DEFUNTOS

Pretiosa in conspectu Domini mors sanctorum ejus.

A Redacção e administração da «Voz de Santo Antonio» recommenda ás piedosas orações dos seus amigos, assignantes e membros da Pia União e da Ordem Terceira, a alma de José Joaquim Alves Motta pae do nosso estimadissimo sub-director Padre Agostinho Motta.

Falleceu no dia 2 do corrente victimado em quatro dias por uma lesão cardiaca.

Bom e fervoroso christão, apesar do ataque se não apresentar assustador, pois nem o medico mandou chamar, confessou-se e foi sacramentado, dois dias antes do seu passamento.

O fallecimento d'este homem de bem, de character honrado, bemfasejo e christão pratico, foi muito chorado pelos numerosissimos amigos que o adoravam

A' familia enlutada por tão doloroso e repentino golpe, enviamos sinceros e sentidissimos pezaes.

— *Padre Antonio Pinto de Magalhães,* (S. Pao de Casaes Lousada). — Era assignante da «Voz de Santo Antonio».

— *Padre Felix José Ferreira,* (Barreiros — Vizeu) — tambem assignante da nossa revista.

R. I. P.

Secção scientifico-litteraria

QUADROS BIBLICOS

ESTHER

VII

O rei está no seu palacio acompanhado de todos os seus sabios e príncipes, pois tinha negocios graves a discutir, sendo tal-

vez um d'elles o proximo exterminio dos hebreus.

A hora fôra dada e firmada com o seu anel, symbolo do poder supremo ; não podia, sem fundamento poderoso, ser revogada.

Mas enquanto os sabios discutiam e apreciavam as razões do rei, abriu-se a porta da vasta sala, apparecendo Esther acompanhado das suas escravas.

Na frente cingia a sua corôa de rainha e dos hombros pendia-lhe o mais rico e precioso manto. Mas a sua pallidez era extrema pelo jejum e pela amargura que lhe lanceava a alma.

Ficou immovel perante o rei como se fôra uma estatua.

Os sabios e os principes ficaram admirados como o rainha assim se atrevia a comparecer na presença de Assuero sem sua ordem. Isto significava uma rebellião que devia ser severamente punida.

Mas o rei impressionado pelo encanto de Esther, que no seu olhar cheio de dôr implorava perdão, ergueu o seu sceptro em signal de clemencia.

— Minha bem amada, que pretendes do rei? Que pallidez a tua, meu formoso lyrio!

Nos teus olhos advinham-se as lagrimas brilhando como perolas n'um céu de amarguras.

Falla, dize o que desejas ; não é o rei que te escuta, mas a minha alma que é tua.

— Rei e rainha, perdoae, é simples o meu pedido ; esse desejo apenas que representa um sonho de creança. Ide jantar hoje comigo, nada mais vos peço.

— Só isso formosa Esther ! Satisfeito é o teu pedido.

— Senhor, convidae tambem Aman.

— Sim, minha adorada

E a rainha retirou-se aos seus aposentos, e os sabios ficaram meditando na grande magia que tem a mulher formosa.

Aman sentiu-se cheio de orgulho : era o favorito do rei a quem elle entregava o seu poder supremo, e a propria rainha tão gentil e amada, o distinguia por uma fórma tão captivante a um orgulho.

Raça vil de hebreus ides ser sacrificada ao meu capricho ; parte dos vossos thesouros tambem me vão pertencer. Poder, riqueza, tudo nas minhas mãos ! E no futuro, quem sabe, talvez uma corôa cingirá a minha frente !

Não faltou o rei ao convite da sua rainha. Estava alegre : nem uma sombra lhe annuviava o espirito. Sabia que era amado pela mulher do mais formoso encanto que havia em todo o seu imperio.

Adorava-a.

As virtudes d'aquella peregrina alma transformavam o seu viver, porque Esther não era uma escrava feita rainha, mas uma rainha que o tornava escravo.

O seu olhar dôce cahia-lhe n'alma como um orvalho benefico ; as suas palavras eram uma mimice suave que o encantava.

Nunca pensára poder existir na terra uma alma tão pura.

Terminado o banquete, o rei mandou buscar o seu livro, a chronica do seu reinado.

Quiz lêr algumas paginas para que se lhes não apagassem da memoria.

Recordou então como Mardocheu lhe salvára a vida prevenindo-o d'uma rebellião.

— Que premio teve este fiel amigo, perguntou Assuero ?

— Nenhum disse Esther !

— Fui ingrato, não fui justo. E um rei deve ter como o seu ideal supremo a justiça : quero recompensal-o.

— Mas, senhor, disse Assuero . . .

— Que tens a dizer, perguntou o rei.

— Esse homem é judeu !

— E' disse Esther, assim como eu, senhor.

D'aqui a dias será comprida a vossa ordem de exterminio a todos os da minha raça. Este banquete d'hoje, é o banquete de despedida ; são os funeraes de uma rainha. Aqui está a minha corôa ; já me não pertence. Eu sou da raça vil que vae ser immolada no templo do orgulho.

— Que dizes Esther, minha amada Esther ! . . .

— Mas, senhor, antes da minha morte quero dizer-vos a razão, porque esse homem, Aman pretende exterminar a nossa raça, que tem vivido do trabalho e no recolhimento das suas velhas crenças. E' o orgulho, senhor, é a ambição das riquezas, nada mais, o que tem cegado este perturbador da ordem e da paz. Em breves dias creanças, mulheres e velhos serão immolados e os seus haveres expoliados.

Justiça, senhor, justiça !

— Não morrerás, Esther !

— Então, senhor, revogae a vossa ordem e perdoae a todos os meus irmãos.

Levantou-se o rei para chamar os seus guardas, a fim de novas ordens serem expedidas, arrancando primeiro o anel da mão do favorito.

Aman rojou-se então aos pés de Esther pedindo-lhe perdão, presentindo que uma desgraça enorme pesava sobre a sua cabeça.

Mas o rei voltando e vêndo a posição do favorito ainda de mais o dia se passou.

E chegando a uma janella olhou e viu um patibulo armado.

— Quem é destinado aquelle supplicio, perguntou o rei?

— A Mardocheu, disse a rainha.

— E quem o mandou erguer?

— Senhor Aman!...

Chegando os guardas do seu palacio então o rei ordenou que Aman fosse conduzido ao patibulo que era destinado ao tio de Esther.

— Minha gentil rainha, justiça foi feita aos teus irmãos. Que allivio sente a minha alma castigando o aulico ambicioso, e proferindo a palavra de perdão a tantos innocentes.

Foram as tuas graças, meu gentil amante que ao meu coração inspiravam os pensamentos de suave clemencia.

Mardocheu será honrado; terá o premio dos seus serviços.

Dias depois o hebreu era conduzido em triumpho por toda a cidade.

A ordem do cruel valido foi immediatamente revogada.

Grande foi a alegria do povo hebreu vêndo rasgadas as sombras da morte.

Entregaram-se ás suas festas, em banquetes servidos de carnes simples, comendo alegremente em seus jardins, bebendo á sombra das suas vinhas. A musica e os perfumes completavam esta alegria, que significava a paz.

Aman, representando o orgulho e ambição teve o castigo que merecia.

E Esther, a formosa Esther ficou na historia do povo hebreu como a figura mais gentil e sympathica.

2--2--902.

COSTA GOODOLPHIM.



Vexilla regis prodeunt!

Os estandartes esplendidos do Rei divino apparecem.

E tambem já resplendem hoje os mysterios da Cruz.

— N'ella, apoz tantas angustias, a vida, soffrendo a morte, vida nova e melhor sorte deu aos crentes em Jesus. —

Na Cruz, um ferro agudissimo rasgou de Jesus o peito, que, por amoroso effeito, agua e sangue derramou.

— Em prova de affectos ultimos, lavou assim os delictos dos peccadores constrictos, Jesus, que sempre os amou. —

Tudo o que David em canticos havia prophetisado, já se vê realisado para gloria das Nações.

— Já, depois de tantos seculos, viram, da cruz no madeiro, reinar o Deus verdadeiro, resgatando as gerações. —

O Cruz, decorosa arvore, serás estrella brilhante, e, seguindo sempre óvante, novo destino has de ter.

— Tu foste ornada da purpura d'aquelle sangue divino, de quem, dando ao mundo o ensino, foi em teus braços morrer! —

Em teus braços suspendendo-se, Jesus te fez venturosa, rica (mas não orgulhosa), de um preço de alto valor.

— E, balança segurissima do corpo de Jesus terno, quebraste os grilhões do Inferno só de Jesus pelo amor! —

Esperança has de ser unica dos mortaes, ó Cruz sagrada; e, na vida attribulada, o refugio e protecção.

— Augmenta a graça aos humillimos. Evita, com teus fulgôres os crimes dos peccadores n'este tempo da Paixão! —

Louvem todos os espiritos A sacrosanta Trindade, pura fonte da verdade, que a salvação lhes ganhou.

— E tenham intimo jubilo, porque, depois da tristura, hão de gosar da ventura, que Jesus lhes destinou! —

Hão de, sim, porque elevando-se, nas aspirações á gloria,

terão parte na victoria
que vae alcançar a Cruz.
— Esse lenho há de ser lábaro,
que, animando o puro crente,
jallará constantemente
dos martyrios de Jesus! —

(Avciro).

RANGEL DE QUADROS.



BIBLIOGRAPHIA

Domingo Illustrado.

Com o 5.º vol., que a Empreza editora d'esta obra traz em distribuição, fica concluida esta interessantissima obra.

D *Domingo Illustrado* é por assim dizer uma compilação da historia patria em retalhos, referindo-se a parte com que contribue cada concelho nos grandes factos da historia nacional. Remontado á origem dos mesmos concelhos, e de cada uma das suas cidades, villas e parochias mais importantes, encontram-se n'esta obra noticias mais ou menos desenvolvidas da sua fundação, successos mais notaveis em cada uma occorridos, brazões de armas (das que os possuem), lendas locais, tradições que as acompanham, usos e costumes singulares ou caracteristicos, crimes celebres e muitas outras notas relativas a cada localidade.

Emfim é uma obra util e interessante que todo o estudioso e amator de bons livros deve possuir nas suas estantes, pois se não é um trabalho completo, em absoluto, é o mais completo que he existe e em todo o caso de muita instrucção.

Os pedidos devem ser dirigidos a A. José Rodrigues, rua de S. Mamede, 111 (ao Largo do Caldas), Lisboa, sendo o preço por cada volume 800 réis.

Florilegio de musicas religiosas.

Com este titulo, e com auctorisación do Ex.^{mo} Prelado o Snr. D. Antonio Barroso, vae principiar a publicar-se, por meio de fasciculos, um grande repositório de musicas religiosas, abrangendo desde a musica ecclesiastica até aos canticos populares das devoções dos fieis. Conforme promette o programma, que temos presente, será um archivo notavel das mais distinctas composições do genero adequadas ás solemnidades do culto Catholico, em côros para duas, tres, quatro vozes e solos com acompanhamento d'orgão ou piano. A letra latina será seguida da sua traducção em portuguez para ser bem interpretada das pessoas que não conheçam aquella lingua. Além d'isto levará annotações illucidativas e historicas sobre o ceremonial respectivo. E' seu auctor o snr. Cesar das Neves, professor de musica das aulas da Ordem do Carmo.

A assignatura acha-se aberta na rua de D. Pedro 116, Porto, e nas principaes livrarias e armazens de musica.

Livraria Mesquita Pimentel.

Acabamos de receber d'esta conhecida e acreditada casa editora, sita á rua de D. Pedro, na cidade do Porto, o n.º de maio do seu boletim bibliographico, denominado *Noticiario de Publicações*. Anuncia, alem de numerosissimas obras religiosas em portuguez, hespanhol, francez e latim, muitas outras sobre historia, geographia e ensino.

O clero encontra indicadas n'esse boletim as novissimas edições de *Missaes*, *Breviarios*, *Diur-*



nos, *Rituaes*, etc., livros de que a mencionada casa tem sempre um sortido completo.

O *Noticiario de Publicações* é remettido gratis a quem o requisitar.

Diçionario Apologetico da Fè Catholica.

Está em distribuição o fasciculo n.º 20, e no EXPEDIENTE publicado na capa, para o qual se chama a atenção dos assignantes, se vê os motivos justissimos porque tem vindo com um pouco de atrazo esta excellente publicação.

Removidas como estão todas as difficuldades, a sua distribuição será feita regularmente.

O ex.^{mo} e rev.^{mo} snr. Carlos das Neves, bacharel formado em theologia e o illustre jornalista Gomes dos Santos, são garantia sufficiente de que a obra em nada será prejudicada.

Parabens ao digno editor pela acertada e feliz escolha.

Este fasciculo continua tratando do artigo de muito valor que tem por titulo — *Evangelhos*, e dá principio ao artigo — *Evolucionismo*.

Continua a assignatura aos volumes e fasci-

Due Beati Francescani, Nell'anno santo mem.

Beatificazioni, Tridui, e Panegirici.

Publicazione fatta per cura del P. Ciro da Pesaro, Postulatore Generale O. F. M.

Roma. Tipografia sallustiana (Mater Amalibis) Via S. Nicola da Tolentino, 4).

Os bemaventurados a que se refere o titulo da obra são o B. João de Triora, martyr da Primeira Ordem de S. Francisco e a B. M. Crescencia Höss.

E' um grande tomo de 334 paginas luxuosamente impresso, ornado com muitissimas e bellas gravuras allusivas á vida, morte local do martyro, e residencia dos dois gloriosos martyres.



As nossas illustrações

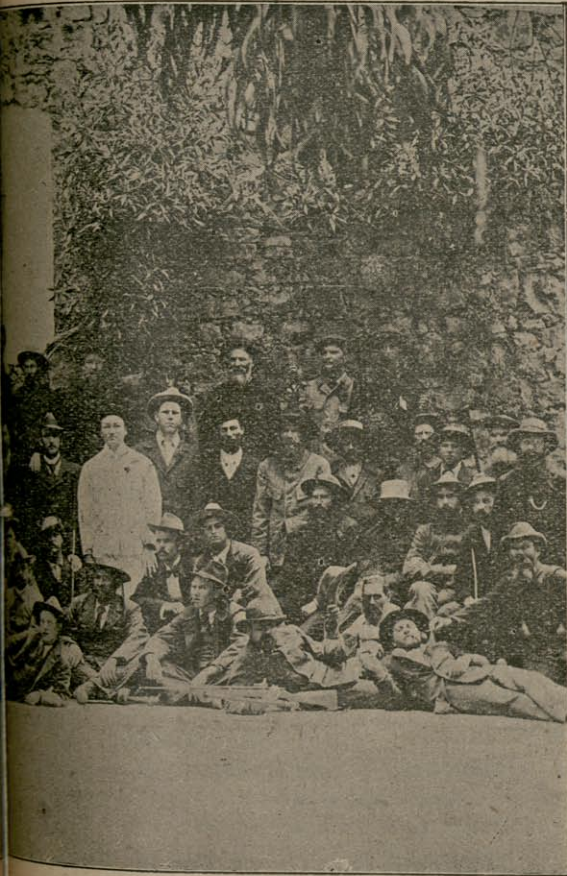
I — INTERIOR DA EGREJA DA APRESENTAÇÃO. — Este sumptuoso edificio religioso tem 90 metros de comprimento e 60 de largo; compõem-se de sete naves sustidas por grossas columnas de variados marmores de capiteis corintios e bizantinos.

Foi levantado pelo imperador Justiniano, e convertido mais adeante em mesquita quando Omar se apoderou de Jerusalem. No reinado dos Califas foi muito modificado. Serviu de palacio real aos cruzados; em 1118, por concessão de Balduino I occuparam parte d'elle os Templarios durante 67 annos, findos os quaes voltou a ser mesquita depois da tomada de Jerusalem por Saladino.

Isto quanto á parte historica indispensavel para satisfazer o sabio curioso.

Quanto á festa que esta gravura recorda ouvi uma voz mais anctorisada que a nossa: o Mgr. J. Gaume.

«A Apresentação é a festa estabelecida pela Igreja para consagrar a memoria d'um acto solenne que fez Maria ainda menina. Uma tradicção constante, cuja origem remonta aos primeiros dias do Christianismo, nos diz que a augusta Virgem, de idade de cerca de tres annos, foi apresentada no templo de Jerusalem, onde se consagrou inteiramente ao Senhor. Dotada da plenitude das suas faculdades, fez a Deus voto de virgindade, e foi a primeira que ergueu este estandarte sagrado que depois reuniu legiões de virgens. Era costume entre os judeus consagrar os filhos ao serviço do Templo e fazer educar as meninas á sombra



culos, sendo estes ao preço de 100 réis, de 48 paginas de texto a duas columnas e em typo muito legivel.

Editor Antonio Dourado — Rua das Flores n.º 42, 1.º — PORTO.

Catecismo Cristiano-Catholico, Breve e ordenadamente expuesto por José Domingo Maria Cabruti — española, Bordadores, 12 (junto al Migualete).

Corresponde perfeitamente ao titulo: é breve e exposto com ordem clareza e methodo.

tutelar do santo edificio. Tendo sabido Maria que seus paes, fiéis a este costume sagrado, haviam prometido ao Senhor ao pedirem-lhe um filho offerecer-lh'ó, teve por felicidade anticipar-se ao seu voto. Quiz ella propria consagrar-se ao Senhor, e foi a primeira a pedir-lhe que fossem cumprir a sua promessa. «Anna não hesitou, diz S. Gregorio de Nyssa, em ceder ao desejo d'ella; conduziu-a ao Templo, e offereceu-a ao Deus d'Abrahão.»

«Mas vejamos de que maneira fizeram Anna e Joaquim a Deus o sacrificio do que tinham mais caro no mundo. Partiram de Nazareth para Jerusalem, levando alternativamente nos braços sua filha querida, ainda mui joven para supportar as fadigas d'uma jornada de trinta legoas. Com elles iam um pequeno numero de parentes; porém os anjos, diz S. Gregorio de Nicómedia, lhes serviam de cortejo e acompanhavam em tropel a joven e pura Virgem, que ia offerecer-se no altar do Senhor.

«Quando a santa companhia chegou ao Templo, a doce menina se volveu para seu paé e sua mãe, lhes beijou as mãos, e pediu-lhes a benção; e, sem hesitar mais, transpuz os degraus do sanctuario e correu a offerecer-se ao Gran-Sacerdote. Quanto foi bello, quanto foi solemne, o momento em que a divina Menina poz os pés no sagrado atrio! O proprio Deus celebrou este dia memoravel em que viu entrar no Templo sua casta esposa: pois nunca creatura alguma tão pura e tão sancta se offerecera a Elle. E quando Maria consagrou ao seu Deus a alma e o corpo, sem reserva nem remissão, com que amor devia exclamar: *O meu muito amado pertence-me, e eu pertenceo-lhe a elle.*

«Gozemos nós mesmos esse espectaculo arrebatador, contemplando o retrato que S. Epiphanio, nascido na Palestina, nos conservou d'esta admiravel menina: «Maria, diz elle, mostrava-se em tudo cheia de reserva e gravidade; fallava pouco, escutava com boa vontade, e era mui affavel, mui zelosa e mui respeitosa para tudo quanto a rodeava; era de estatura um pouco mais que mediana; tinha a côr levemente doirada, os cabellos loiros, os olhos vivos, as pupillas mui ovaes e côr de azeitona, os sobrolhos arqueados e d'um negro mui gracioso, o nariz cumprido, os labios rosados e d'uma ineffavel suavidade de palavras, o

rosto oval, e as mãos e os dedos de cumprimento mais que mediano. O seu vestuario era mui simples e da côr natural da fazenda de que era feito; finalmente uma graça divina respirava em toda a sua pessoa.

«Quem contará agora a vida angelica de Maria no templo? A santa menina, diz S. Jeronymo, regulava assim o seu tempo: «Desde pela manhã até á terceira hora do dia, estava em oração; da terceira á nona, trabalhava e depois começava de novo a orar até á occasião de comer. Punha todo o seu zelo em ser a primeira nas santas vigílias, a mais exacta em observar a lei, e a mais humilde e perfeita em virtude entre as companheiras. Nunca se surpreendeu n'ella um sentimento d'ira, e todas as palavras sahidas de doçura, que era facil de reconhecer n'ellas o espirito de Deus.»

«O acto que Maria acabava de praticar apresentando-se no templo, era tão importante e instructivo que a Egreja catholica não podia deixar de apressar-se a consagral-o por meio d'uma festa solemne. O Oriente foi o primeiro que fez celebrar a Apresentação. Encontra-se já nas constituições do imperador Manuel Commemo no meado do dnodecimo seculo, em 1143.

Dois seculos depois, em 1374, depois das Cruzadas, passou esta festa ao Occidente, no reinado de Carlos V, rei de França.

«Os successores de Gregorio IX, a quem foi apresentado o officio da Apresentação pelo embaixador de Chypre, enriqueceram de numerosas indulgencias esta bella festa que tomou logar entre as solemnidades da Egreja.

*
* *

II — THERMAS DOS CUCOS (TORRES VEDRAS) — Nos suburbios da antiga e pittoresca Villa de Torres Vedras, a uns tres kilometros para sudoeste no sopé de ingremes e por vezes fragosos montes, encontra-se junto d'um extenso arvoredado, o aprazivel e pittoresco Edificio Thermal, Hydrotherapico conhecido pelo nome de *Cucos*.

A sua fundação iniciada ha poucos annos ainda, pelo conhecido benemerito, Ex.^{mo} Snr. José Gonçalves Dias Neiva, que, reconhecida a força medicinal das suas aguas, soube explorar-as convenientemente, mandando vir engenheiros abalisados que au-

xiliados da illustre direcção hygienica do respeitavel clinico Dr. Justino Xavier da Silva Freire, pô e reunir elementos que muito o distinguem.

Agradavel no seu conjuncto, quer attendamos aos seus escolhidos moldes artisticos, quer ás sabias disposições therapeuticas, quer ainda á soberba vegetação que se desenrola opulenta pelo extenso rio onde corre o vagaroso sizandro ladeado do seu competente choupal e sombrios salgueiraes, não podemos deixar de patentear as melhores impressões que nos deixa este vasto recinto, a que o homem, ao braço Omnipotente do Creador, juntou a expressão do seu talento artistico.

Observemos por um momento esta bem modelada fabrica :

Do reservatorio das aguas que se vê na vertente do monte que se eleva de repente por detraz do Edificio, descem varios tubos, que se dirigem ou, á casa da Caldeira que fica á esquerda do Edificio, onde as aguas vão receber a temperatura exigida, ou descem directamente ás diversas piscinas, gabinetes de applicações, de lamas, salas de innalações, pulverisações, etc. O todo das aguas já utilizadas, desce a um recipiente subterraneo, indo depois incorporar-se no rio que lhe corre ao lado.

A alguns passos á direita entre frondosa alameda está a casa destinada ao engarrafamento e expedição das aguas de uso interno, onde igualmente aperfeiçoados aparelhos, executam com o melhor exito os trabalhos a que se destinam.

Passando ás outras dependencias nada nos deixam a desejar : alli em frente do edificio elevam-se acastellados hoteis de gosto aprimorado, aqui um espaçoso tanque d'onde jorra elegante repuxo de agua crystallina, acolá no meio de caprichoso jardim estão patentes varios jogos onde saltam alegres creanças, alem estendem-se bem alinhadas avenidas onde rodeiam o subtil *Char-á-banc* e o vagaroso *Ripert*, conduzindo ás piscinas, coxos e entrevados, que a sua conveniencia alojou na visinha villa Torreense.

Assim são as *Thermas dos Cucos* um d'esses retiros agradaveis aos que em continuas e pezadas occupações, ou em aborrecidos labyrinthos da populosa cidade gemem acabrunhados da dôr, em procura de lenitivo, e encontram aqui alem do restabe-

lecimento physico, momentos de socego para o espirito, no meio d'uma paisagem toda poesia, sem se occupar das mil etiquetas que hoje abundam nos centros balneares.

*
* *

III — GRUPO BOER. — E' o corpo militar boer aquartelado na formosa villa de Peniche, um punhado de heroes, que aqui se nos apresenta em grupo prazenteiro e alegre.

Mas não acredites, leitor, n'aquelle sorriso de labios, que é fingido, n'aquelle alegria de rostos, que é artificial. Não são estes os boers que se nos deparavam vagabundos, errantes, solitarios e scismaticos pelas solidões do Carvoeiro, com o rosto sulcado pelos traços de funda melancolia e os olhos marejados de lagrimas fitos nos horizontes espaçosos do oceano, a espreitarem — quem sabe? O coração do proscripto encerra tantos mysterios! — a terra onde lhe ficou o coração, a alma e a vida, a terra que lhe occupa a imaginação noite e dia, a terra da sua esposa, de seu pae, de sua mãe, de seus irmãos e amigos, a terra de seu berço e do tumulo de seus avós, a terra dos anjos do seu lar — dos seus filhos — a terra... da sua patria, do seu Transvaal.

Sentiriam rasgar-lhe o coração bem fundo, aquelle acerbo espinho que lancetava a alma de Garret quando desterrado da sua patria chorava a sorte do seu Camões espatriado tambem; como elle cantariam se soubessem balbuciar a dulcissima lingua lusitana :

*«Saudade! gôsto amargo de infelizes
Delicioso pungir de acerbo espinho
Que me estás repassando o intimo peito
Com dôr que os seios d'alma dilacera
— Mas dôr que tem prazeres — Saudade!
Mysterioso numen que ariventas
Corações que estalaram e gottejam
Não já sangue de vida mas delgado
Sôro de estanques lagrimas — Saudade!
Marioso nome que tão meigo soas
Nos lusitanos labios, não sabido
Das orgulhosas boccas dos Sycambros
D'estas alheias terras — oh Saudade!
Magico numen que transportas a alma
Do amigo ausente ao solitario amigo,
E até ao triste ao infeliz proscripto
— Dos entes o miserrimo na terra —
Ao regaço da patria em sonho levas
— Sonhos que são mais dôces do que amargo
Cruel é o despertar!»*

Como não olhariam com desespero para o lento passar dos minutos, das horas, dos dias, dos mezes; do tempo que só em Portugal se arrastava com pés de ferro.

Mas souu a hora do resgate, fez-se luz na escuridão do seu carcere.

Seus irmãos cançados de lutar pela emancipação da patria, repousam por um pouco: fez-se paz no Transvaal juncado de cadaveres e arregoado de sangue.

Esperam com ancia a hora da partida.

*Chegou por fim a hora.
Cantam alegres com Garrett:*

*«Largo, aos mares!...
Livres corramos sobre as ondas livres
Do oceano indomado por tyramnos
Livre como sahii das mãos do Eterno
Sua feitura unica no globo
Que impias mãos d'homem não poderam inda
Avassalar, destruir. Ah! dentre as vagas
Surge...»*

O saudoso e querido Transvaal.

A nau parece ave emigrada que de asas partidas esvoaça, esforçando-se por chegar com vida ao torrão desejado da patria. As noites são seculos de trevas. As auroras raíam tardias depois de muitas vigílias, longos e tediosos são os dias sem occaso. Mas a esperança animava-lhes o peito que arfava d'amor e saudade.

Passaram-se muitos dias, longos dias sobre os mares. Até que uma aurora raiou mais formosa e bella que todas. Os corações amantes são presagos: Quem sabe se avistaremos hoje terra da patria?...

Não se enganaram. Um ponto escuro ao longe, muito ao longe, no horizonte alvoraçou-lhes o coração. Todos os olhos se cravaram n'elle e

*«Rija celeuma aos ares sobe
E feres os ventos que nas ondas folgam.
— Terra, terra! bradou gageiro áleria.
— Terra, echôa confusa voseria
Da marítima turba: Oh! voz querida
Dôce aurora de gozo e de esperança
Ao coração do nauta infraquecido,
Do alquebrado sequioso passageiro...
Terra e terra da patria! Debuzada
Se vê pullando a magica alegria
Nos semblantes de todos. Já contentes
Um se afigura surprehender o amigo,
Outro á esposa fiel cair nos braços;
Este da velha mãe que ha tanto o chora
Ir enxugar as lagrimas affictas;
Aquelle entre alvoroços e receios
Não ousa de pensar, se ao pae enfermo,*

*Na descarnada mão rugosa e sêcca,
Osculo filial lhe é dado ainda
Respeitoso imprimir, — ou se a ternura,
Se o amor do filho sobre a lage avara
Se irá quebrar de gelido sepulchro
Que em sua ausencia tão longa lh'o roubasse.»*

Aportaram, estão na patria amada nos braços do pae, da mãe da esposa, dos filhos, dos amigos, de todos os que lhe querem bem.

Estão na patria amada para quando esta acordar de novo contra os dominadores da sua liberdade lhe offerecerem os serviços do seu braço forte.

*

Eis debuxado em rudes e ligeiros traços, o que podíamos chamar ROMANCE DO PROSCRITO — os sentimentos do expatriado que chegou a ter a dita de voltar ao torrão patrio. Fizemo-lo acinte para notar um contraste tristemente real que apenas apontamos.

Nós os filhos de Adão somos os proscritos do Paraiso, da nossa amada patria do ceo. Expulsou-nos d'ella a nefasta guerra do peccado, e foragidos passamos a vida nesta passageira e extranha terra. Mas choramos nós pela nossa patria, curtimos saudades pelo Pae que lá temos, pelas Mãe e Irmãos que lá nos esperam, suspiramos pela hora bem dita em que embarcaremos, em que deixaremos este desterro para que não nascemos?

Ou antes não nos nacionalizamos neste reino estrangeiro em que somos forasteiros, não nos enamoramos de suas bellezas ephemerias, de seus costumes e usos, não nos apegamos a elle a ponto de temermos as ordens da repatrição?

Que bella reprehensão nos dá o romance d'estes repatriados soldados boers!

Saibamos recebe-la.



Chronica universal

ROMA

Saude de Leão XIII — Morte d'uma victima do Kulturkampf — Novas nomeações. — Não obstante as noticias pessimistas que têm

propalado alguns jornaes, a saude de Sua Santidade goza de uma energia sobrehumana.

Os medicos assistentes do Venerando Ancião não podem comprehender n'uma tão adiantada velhice tanto vigor nas forças physicas; e attribuem este continuo milagre a um favor especial da Providencia.

Em volta do seu throno têm-se vindo ajoelhar durante este anno — milhares de peregrinos; e todos viram e admiraram ao Supremo Pastor do Christianismo, pelo seu vigor physico, e pela lucidez da sua intelligencia.

As dôres têm sido cruciantes para o seu coração de Pae amantissimo, porém a sua fronte permanece serena diante de tantos soffrimentos. Vê surgirem de toda a parte furiosas tempestades contra a sua Barca; e olhando para as ondas sorri, porque vinte seculos, são assás bastantes para acostumarem o glorioso nauta a nada temer das tempestades do mundo.

Uma nação que Elle tanto tem amado, fere-o cabalmente no que mais estima; e Elle olha resignado para o ceu, fulgurando em torno da sua cabeça veneranda a tranquillidade.

Ao que representa a gloria das glorias de vinte seculos mil bençãos do céu, para amparar a Igreja no rude combate que soffre actualmente por toda a parte.

— Acabou ha pouco de fallecer em Roma uma das mais illustres victimas da outra perseguição religiosa, promovida pelo terrivel Kulturkampf bismarkeano. Esta victima foi o Cardeal Ledochowski, que foi principe arcebispo de Posen Guesen e que por sua resistencia ás leis de Maio soffreu a condemnação de dois annos de prisão. Pio IX conferiu-lhe o Chapeu Cardinalicio, e Leão XIII nomeou-o prefeito da Propaganda Fide. Descance em paz o illustre purpurado e o heroico e invencivel campeão da Igreja Catholica.

— A rapidez com que o Soberano Pontifice proveu o lugar do fallecido Cardeal Ledochowski, como prefeito da Propaganda Fide, espantou todo o mundo e principalmente toda a cidade eterna. Em geral, Leão XIII leva bastante tempo a preencher estes logares.

O *Observatore Romano* disse que as nomeações seriam no dia 29 de julho passado, começando então os jornaes com as suas costumadas variações sobre os cardeaes que deveriam ser chamados provavelmente a esta dignidade.

Porém o segredo havia de tal sorte sido guardado, que as folhas da tarde, como a *Tribuna*, *Il Giornale d'Italia*, não tinham podido saber nada; comtudo informaram gravemente os seus leitores sobre a certeza da candidatura X e sobre a mudança da candidatura I. Já vêem os leitores que mentir barato não é só para Portugal lá por fora tambem se soffre da mesma molestia.

Sem quereremos de maneira alguma prescrutar os motivos que levam o Soberano Pontifice a fazer mais a escolha d'este cardeal do que d'aquelle, ha porém certos motivos em que devemos concentrar todas as nossas attentões, porque esclarecer as razões que guiaram o Soberano Pontifice nas novas nomeações cardinalicias.

O cardeal que se apresentava logo ás nossas vistas como o mais capaz para preencher o lugar de prefeito na Propaganda Fide, era, sem duvidar o Cardeal Vincenzo Vannutelli, que desde

1895 occupou a prefeitura do Economato da Propaganda, então vago pela morte do Cardeal Ruggiero.

A prefeitura do Economato é delicada e importante: delicada por causa dos innumerados trabalhos que tem a desembaraçar e a resolver; e por causa dos muitos conflictos que surgem entre o governo italiano e a Propaganda, pois que o primeiro procura sempre lançar mão do que o segundo defende com uma habilidade e firmeza que obriga o governo sempre a retroceder.

Importante por causa dos bens pecuniarios, de que o Economato tem a gerencia e que faz sempre fructificar em favor das missões.

O cardeal Simesni predecessor de Ledochowski, dizia que o seu successor seria o cardeal Vincenzo Vannutelli. Sua longa estada no Oriente havia-o admiravelmente disposto para esta missão, porque tinha, durante o tempo da sua delegação, resolvido numerosas e difficeis questões diplomaticas.

Passando do Oriente para a nunciatura de Portugal, todos sabem como o cardeal levou a um feliz exito a Concordata portugueza e como resolveu com satisfação de parte a parte a questão da hirarchia nas Indias.

Mas o cardeal Vincenzo é irmão do cardeal Serafino Vannutelli, prefeito da Penitenciaria. Por isso, os jornaes não se podiam calar, e com o seu prurido de metter o nariz em tudo, começaram a levantar supposições e mostral-as ao publico. Todos os jornaes mais avançados diziam que se o cardeal Serafino governava espiritalmente a Igreja como grande Penitenciario, o cardeal Vincenzo, nomeado prefeito da Propaganda, iria governar debaixo do ponto de vista espirital e temporal perto de dois terços do mundo.

Era muito para uma só familia, e embora se reconhecessem as qualidades do cardeal, não queriam vêr tantos poderes concentrados no que elles chamavam uma só mão.

Ninguem pôde duvidar que estas opiniões dos jornaes passaram a uma esphera mais alta, e o Papa naturalmente guiou se pela opinião publica n'esta nomeação. Eis a razão porque o cardeal Vincenzo não foi chamado a governar a propaganda. Mas se o Papa teve necessidade de ceder diante do motivo que parecia rasoavel, e que lhe serviu de regra n'uma nomeação muito recente (a de Mgr. Agapito Panici, ha pouco fallecido) quiz comtudo dar ao cardeal Vincenzo Vannutelli uma recompensa digna dos seus meritos, nomeando-o prefeito da Congregação do Concilio.

Esta Congregação, uma das mais importantes da Curia romana, não tem sómente em vista resolver as questões do matrimonio, pronunciar a sua sentença sobre os recursos que vêm a Roma de todas as partes do mundo, interpretar authenticamente o santo Concilio de Trento que é o codigo moderno da Igreja; mas tem um fim muito mais delicado do que externamento parece.

Todos os Concilios provinciaes que se effectuarem no mundo (excepto os paizes que dependem da Propaganda), devem submeter os seus estatutos, ordenações, canones, etc. á Congregação do Concilio que está encarregada da sua revisão. Deve ella tirar tudo o desnecessario, corrigir o que ha de defeituoso, attender ás circumstancias do tempo e do logar, para saber até que

ponto pôde approvar tal ou tal uso que se separa do direito commum. E' um trabalho immenso que não transpira cá fóra, mas que tem uma importancia capital para a santa Egreja.

Tal é a nova situação do cardeal Vincenzo Vannutelli, no Sacro Collegio, e a melhor prova da boa escolha que fez o Soberano Pontifice são as numerosas felicitações que o cardeal tem recebido dos seus collegas, onde elle conta amigos intimos.

— O cardeal Gotti passou á Propaganda. Antigo professor de mathematica na Universidade naval, formou nas sciencias um grande numero de officiaes da marinha italiana, e muitas vezes recebe na sua modesta habitação do Corso d'Italia officiaes seus discipulos, que vêm zumprimentar o seu antigo professor, por quem têm conservado sempre uma lembrança de affectuosa sympathia, mostrando se satisfeitos em lhe apresentar as suas homenagens. Quando o cardeal foi nomeado internuncio no Brazil, fez a sua viagem n'um paquete que tinha por capitão um antigo discipulo seu, tornando-se lhe assim a travessia encantadora e agradável.

O cardeal tem sempre nos seus estudos mathematicos a precisão e a justeza. Além d'isso, elle é de Genova, e costuma-se dizer que os genovezes são os primeiros homens d'Italia para os negocios e para o trabalho. Affavel, recebendo todo o mundo com o sorriso nos labios, fallando o francez com a pureza de accento e uma precisão que invejariam mais de um francez, nunca lhe é necessario, durante o curso d'uma longa conversação, ter de explicar o seu pensamento. Concebe-o claramente, e claramente sae dos seus labios, não tendo o ouvinte o mais attento, nada a reprehender seja no fundo da sua doutrina ou na pureza da fórma. O cardeal põe todas as suas bellas qualidades ao serviço da sua importante administração e distribue imparcialmente a todos, sem excepção de pessoas ou da patria, as esmolos dos fieis.

Tem-se repetido muitas vezes que o cardeal Gotti era anti-francez. E' uma verdadeira falsidade. O cardeal é tão anti-francez, como anti-alemão, como anti-portuguez, elle vê sempre em tudo o bem da Egreja, e é por este bem que elle dirige todos os seus trabalhos, todos os seus estudos. Além d'isso, quando Mgr. Gotti voltou da sua missão ao monte Carmello, origem primaria d'esses falsos boatos, o embaixador da França M. de Béhaine, enviou ao governo um longo relatório no qual fazia o elogio completo e absoluto do futuro cardeal, dizendo que elle se tinha guiado pela justiça nos diversos interesses que foram sujeitos á sua decisão.

N'uma palavra, repitamos o que muitas vezes se tem dito, o que o Papa fez está muito bem feito.

PORTUGAL

Um novo empréstimo? — Colonias em perigo. — Exauctorção d'um «Seculo». — A politica dorme a somno solto por essas praias e termas, por isso os leitores vão-se resignando até ao outomno, porque então terão coisa grande sobre este assumpto

Deixem descansar os illustres representantes

do *senatus* e depois verão o bom e o bonito. Por ora não ralhem com elles, deixem nos em paz nas suas viajatas, porque não ha razões nem motivos para censuras. Quem trabalha como Hercules tem direito a um bocadito de regabofe cá pelas provincias do norte.

O snr. Hintze é que se deixou de viajar; agarrou-se dentro de casa e com medo dos pedidos que lhe possam fazer os seus correligionarios, apenas sae para debaixo do seu lindo parque onde respira as auras vespertinas da tarde. Que lhe preste; pois não lhe gabo o gosto.

O Souzainha das Aguas está farto de expellir decretos ultramarinos; nunca se viu na marinha um ministro tão fecundo, é uma inundação de decretos contra decretos portarias e tudo que o diacho lhe metteu na cabeça. Está exausto, segundo dizem physica e moralmente fallando. Em recompensa de tanto labor e de tanta intelligencia, os nossos vindouros, de certo não esquecerão de levantar um busto de cêbo no gabinete do illustre estadista, ou então uma estatua de louça das Caldas do Terreiro do Paço.

Verão que não me engano!...

— Segundo o nosso presado collega a *Palavra* temos ás portas um novo empréstimo; é o que falta para completar o quadro desolador que temos traçado com as nossas proprias mãos

Dois jornaes estrangeiros, a quem ninguem pôde negar a seriedade asseguram com certeza que Portugal tem de contrahir um novo empréstimo.

Esses jornaes de indole completamente financeira e economica são: o *Côte Desfossés* e *Côte Européenne*. Segundo as suas informações o governo portuguez vae lançar em Londres talvez por intermedio da celebre casa Barnig Brotters um novo empréstimo de 300 milhões de francos, ou sejam perto de 70:000 contos.

Esse empréstimo, segundo dizem os mesmos jornaes será garantido pelas nossas receitas ultramarinas.

Para a frente e não temer, e pelo santo pagamento triumphar até morrer!...

— Um illustre correspondente de Londres, para um jornal da capital manifesta um grande temor de que as colonias africanas de Leste e Oeste estejam em perigo. Diz que lá por fóra se trabalha activamente em as conquistar pelo novo methodo do *debito* e não pelas *armas*.

Não são infundadas as suspeitas do illustre correspondente, mas vão lá metter isso na cabeça do snr. ministro da marinha.

— Os leitores devem estar lembrados d'uma campanha vergonhosa, que se levantou entre dois diarios da capital, e que foi abafada a instancias do snr. juiz Veiga. A campanha depois continuou mais calma entre um dos ditos jornaes e outros acabando por um *Mundo* espatife um *Seculo*. Já é habilidade! mas segundo rezam os intendidos o celebre *Seculo* da escoria e da lama não dura um anno.

Eis a carta que os principaes redactores dirigiram á imprensa da capital:

«Desde hoje os abaixo assignados, que constituiam todos a redacção effectiva d' *O Seculo*, resignam os seus logares de redactores d'aquelle jornal.

As causas d'esta resolução são do conhecimento publico, reservando se, todavia, os signatarios o direito de melhor as explicar opportunamente».

Seguem-se depois as assignaturas de nove redactores.

Tem-se fallado em muitas causas que darão de certo a morte a este jornal, mas para mim parece-me que a unica e suprema causa, foi a hora da justiça divina que soou, para vingar tantos ultrages que tinha recebido; e digam ainda que a Providencia dorme!

Uma boa campanha. — Que paiz tão grandioso!... O novo theatro de D. Carlos. — Turba ruunt. — Está-se operando na imprensa um movimento muito consolador em favor d'uma causa por todos até agora desprezada.

Centenas de creanças viviam por essas ruas da capital cheias de miserias e fome, e a maior parte d'ellas trazendo estampado sobre a fronte o ferrête da prostituição.

A imprensa lembrou-se d'esses infelizes e tem deffendido os meios mais practicos e obvios que abrirão a esses desgraçados parias da sociedade os meios da regeneração moral.

E' uma obra de misericordia acudir a esses miseraveis e resgatal-os das cadeiras da devassidão. E quem não se ha de compadecer das creancinhas que tanto amava Jesus! ? ..

— Corre por ahí o boato com fóros de verdade, de que o Marte de Trajouce o snr. ministro da guerra quer arranjar á fina força duas vagas para uns generaes seus amigos, e para adeantar a sua ascensão ao generalato de divisão.

E digam lá que não estamos no paiz dos generaes? E agora com os novos uniformes toda essa tropa fandanga de generaes e officiaes dará nome a Portugal d'aquele e de além mar.

Paga Zé...

— A capella e um palacio d'Avenida em breve será transformado n'um novo theatro.

Na noite da inauguração haverá de certo uma festa extraordinaria. Musicas, danças etc, etc.

No sitio onde eram os altares serão os camarins para as actrizes; e onde era offerecida a victima sagrada offerecer-se-ha a Cupido o incenso da devassidão. Um templo consagrado á pureza da Santissima Virgem transformado em um theatro!... Só em Portugal, que só cuida de destruir todos os monumentos do passado, ha torpezas d'estas.

Em nome do progresso e da liberdade para a frente!

— Uma nuvem espantosa de sub inspectores está á espera do bodo que será distribuido segundo a voz commum, por todo o proximo mez.

E' aproveitar emquanto é tempo, porque é uma boa pechincha. Mas aconselhamos aos snrs. professores do a b c que não concorram ao brodio; pois esses logares são reservados só para os officiaes do exercito e para a quadrilha de bachareis que estavam á espera de emprego.

O snr. Hintze Ribeiro vê se agora em calças pardas com pedidos e empenhocas... *Turba ruunt*...

HESPAÑHA

O que ha no reino visinho. — Defleit. — Congresso catholico de Compostela.— Como estamos no ponto mais culminante do verão lá como cá tudo se dispersou para os banhos e casas de campo; por isso desertos os circulos politicos, destrojada por completo, a campanha anti-clerical e socialeira de Canalejas está acabado todo o assumpto que ha algum tempo se discutia com algum calor.

Dizem os periodicos republicanos, incluso *El Pais* que desenganado Canalejas do resultado que poderia obter se continuasse a sua viagem, não só desistiu de proseguir a, senão que anda já em negociações formaes com Sagasta e Moret para voltar a figurar nas fileiras do *Jusionismo*, e acrescentam todos esses jornaes que Moret se mostra muito inclinado a esta reconciliação.

O certo é que o *Heraldo* fez ponto na tão terrivel campanha do seu proprietario e já ha uns poucos de dias que não diz nem palavra a este proposito. E Canalejas que prometia arrasar mundos e fundos ficou-se n'isto... E' o caso do monte que parecia dar coisa grande... Zaz, foi só um ratinho!...

— Reappareceu um grande deficit no actual exercicio economico hespanhol, deficit que póde realmente considerar se aterrador, pois que o governo confessa um desequilibrio de 5.500:000 pesetas desde o principio do anno até ao actual mez de agosto, e alguns entendidos dizem que esse deficit sóbe até á somma de 16:000:000 pesetas. Seja como fór, se não tiver cuidado o governo hespanhol para dezembro a cifra será enormissima, alguma coisa semelhante ao famosissimo deficit do tempo do snr. Prigervero o mais desastroso de todos os males que tem seguido a Hespanha desde 1875.

— O ultimo Congresso Catholico de Compostela, revestiu todos os caracteres d'uma verdadeira assembleia religiosa onde dominou sobre tudo a caridade christã. Pelas suas resoluções practicas, sobre tudo pelas suas resoluções sobre o operariado, o congresso ha-de colher grandes fructos na Hespanha.

Desejavamos alongar-nos com algumas considerações sobre este ponto, mas o espaço não nos permite isso.

Porque é que nós não fazemos como na Hespanha?

FRANÇA

Lucta religiosa — Mães christãs — Brutalidades das auctoridades francezas — Proportões assustadoras etc. etc.

Como já tinhamos previsto na ultima chronica, a lucta religiosa na França assumiu todos os caracteres d'uma quasi guerra civil. Foi um protesto unanime e universal da população franceza contra a lei votada pela Camara anterior e sobre tudo contra o modo brutal como tem applicado essa lei.

A celebre *«Acção liberal»* que tem só de liberal o pouco, tem vencido na republica franceza esse movimento grandioso contra a estúpida e insupportavel tyramnia dos jacobinos

E' eloquentissima a proclamação que dirigiu ao povo francez o convite central da *Ação liberal*, firmada por Pion, Mon e Reille, e em que faz notar que durante oito dias se tinham encerrado 2:500 escolas, deixando na rua 5:000 mestres e 150:000 creanças. Qualifica-se ahi este acto repugnante como um *crime contra a humanidade e contra a liberdade*, excitando todos os verdadeiros cidadãos francezes a colligar-se contra os tyrannos.

— As senhoras francezas responderam com extraordinario entusiasmo a este nobre chamamento e com uma intrepidez que faz lembrar os primeiros seculos do christianismo. Cinco senhoras da mais elevada aristocracia pediram uma audiencia a M.^{me} Loubet para interessal-a em favor da liberdade e do direito. Mas embora M.^{me} Loubet pratique publicamente os actos da religião catholica e faça educar seus filhos segundo as normas do christianismo, não quiz receber as cinco aristocratas, allegando como pretexto que a lei lhe prohibia de se intrometter em questões da politica.

— O grande e insigne poeta Francisco Coppé, cuja conversão ha sido um dos successos mais grandiosos dos ultimos tempos, lucha tambem denodamente proferindo discursos cheios de fogo e entusiasmo, assistindo a todas as reuniões publicas dos catholicos, increpando aos agentes da auctoridade que vão a expulsar as religiosas dos seus collegios e alentando estas nos actuaes momentos do infortunio. Sua voz resoa nos corações da multidão, unindo se todos para pelejarem pela Igreja e pela patria.

Em Paris e em quasi todas as povoações da França a resistencia dos catholicos á expulsão das religiosas tem sido energica, ruidosa e constante, dando logar a luctas parciaes com os agentes da policia encarregados de cumprirem os mandados do governo. Em alguns sitios, sobre tu-

do nos departamentos de Oeste, em que a creença religiosa se conserva profundamente arreigada nos corações dos fieis, a policia tem desistido algumas vezes da immediata expulsão diante da attitude dos camponezes armados de fouces, chuços e outros instrumentos da lavoura, promptos a fazer justiça de mouro e a derramar o seu proprio sangue em defeza das comunidades. Alguns catholicos francezes julgam mais conveniente recorrer aos tribunaes da justiça pedindo protecção contra as leis iniquas do governo, e não recorrer a estes meios violentos; em alguns casos os tribunaes têm declarado que o Poder executivo tem excedido no cumprimento das leis e sobre tudo os seus agentes na sua applicação.

— O certo é, que o protesto dos catholicos francezes tem feito grande impressão no campo inimigo, e é de crêr que exerça uma grande influencia no futuro. O governo já pensa em moderar a acção perseguidora e reconhece que se tem enganado n'algumas expulsões decretadas.

Alguns elementos anti-catholicos, porém moderados, como os que representam na imprensa *Le Temps* mostram-se profundamente alarmados diante da phase que tomam os acontecimentos porque se as coisas forem proseguindo como até agora teremos de certo na França uma guerra civil.

— Na Bretanha têm-se dado ultimamente scenas sangrentas por occasião do encerramento das casas religiosas. Segundo as ultimas noticias recebidas a exasperação attingiu o ultimo grau, a resistencia já não é passiva.

Os bretões começam já a fallar da deffensiva e armam-se a toda a pressa. Ha grande risco de em breve ahi rebentar uma grande revolução.

A paciencia do leão popular tem os seus limites, depois de ella se cansar rebentará com toda a furia arrastando tudo diante de si.

Pobre França como te chegas á beira do abysmo ! . .



ricórdia social, que até agora os innovadores mais decididos a mostrar-se audazes, só puderam inventar com muito custo o que elle ensinára ou praticára havia muito: Cabet a comunidade dos bens; Entantim a auctoridade sacerdotal; Pedro Leroux a Trindade, a que chama a triade; Augusto Comte o culto dos mortos; Proudhon a gratuidade do empréstimo a juro. Mas nenhum d'estes reformadores tentou imitar, nem de longe, os dois homens sublimes, suscitados pelo sopro fraternal do christianismo, que não obstante os seculos decorridos entre elles, se completam tão admiravelmente: Francisco de Assis e Vicente de Paulo.

«Francisco condeou-se principalmente do soffrimento moral do pobre, a humilhação; e, para o consolar, não sabendo como destruir a desigualdade esposou a pobreza, viuva desde que o seu primeiro esposo subira á Cruz; e com ella viveu como mendigo.

«Vicente commoveu-se sobretudo com o soffrimento physico do homem, a nudez; e, não sabendo como dar-lhe parte dos bens da terra, se fez em proveito d'elle prégador de compaixão e lhe grangeou servas gratuitas, as Irmãs da Caridade.

«Homens do povo, tolas as vezes que se fallar em pôr a mão na religião do Evangelho, lembrae-vos de que lhe deveis Francisco de Assis e Vicente de Paulo, os dois mais ternos amigos que tendes tido na terra.

«E vós, chefes dos Estados, quando tiverdes tentações de destruir a fé no coração dos desgraçados, dizei comvosco, que aquellos a quem roubastes o céu da vida futura, cedo ou tarde vos pedirão contas no presente, e Deus queira que não seja com a força ou com o ferro.» (1)

A citação foi um tanto prolixa, mas não destituída de oportunidade e interesse. Veja, snr. Julio Pernetta; aquellas duas obras de beneficencia, que v. ex.^a envolve no anathema fulminado contra varias instituições da sua terra, por igual dignissimas da estima e gratidão publicas, são herdeiras do espirito d'aquelles dois grandes homens. O snr. Julio critica-as, e calumnia-as; mas diga-nos: quando é que o seu jacobinismo ultra-vermelho produziu alguma coisa que, mesmo de longe, possa comparar-se com ellas? Triste cegueira, a de um cego que não quer vêr...

A myopia voluntaria do snr. Julio é da peor raça: impede-o de vêr claro um palmo aedeante do nariz, e obriga-o a vêr todas as coisas atravez a luneta amarella do seu sectarismo anti-clerical.

Ha desgraçados assim...

*

O snr. Julio Pernetta escreve o seguinte, acêrca da evangelisação dos jesuitas no Brazil:

«Em 1549, quando as primeiras emigrações apportaram terras da nossa terra, com ellas vieram os primeiros membros da *santa* Companhia de Jesus.» (Santa, effectivamente, e sem sublinhado, snr. Julio; e tão santa, que é digna dos anathemas de homunculos da estatura moral de... vossa senhoria não refi-le, que não vale a pena) Vieram, continúa Julio, «as sementes malditas da escravidão, da infamia, do servilismo e da corrupção: «onde quer que pizasse um jesuita, erguia-se logo uma cruz, (primeiro crime) «depois uma capella (novo crime) uma igreja (outro crime) um convento (quarto crime) e finalmente «uma cidade, (crime imperdoavel!...) Todas as «nossas capitães quasi que originaram-se d'elle.»

Sem querer entrar na questão, de ha muito imparcialmente resolvida, e com tanta honra para a in-

clytá Companhia de Jesus como opprobrio para os seus detractores, limitar-me-hei a lembrar a Julio que os jesuitas deram ao Brazil evangelisadores do estofo de Anchieta, Antonio Vieira, e Nobrega. (1)

Posto isto, uma simples pergunta ao snr. Julio Pernetta: Se não fossem os trabalhos missionarios dos jesuitas, e outros benemeritos que com elles cooperaram na evangelisação do Brazil, o que seria hoje o missionario snr. Julio? Só Deus o sabe. Mas nós podemos fazer supposições. Talvez não fosse coisa nenhuma. Ou talvez fôsse um antropophago miseravel, vestido de tanga, com o nariz perfurado ao centro da parte inferior, armado de freehas e arco, vivendo errante no meio das suas florestas de coqueiros...

Talvez, talvez, snr. Julio...

*

Mais longe do que era meu proposito, me levou o desejo de mostrar ao snr. Julio, que nem tudo que a seus olhos luz no seu livréco, é ouro puro, como a elle se afigura. Muito havia ainda a dizer. Contenho-me, porém, para não faltar á promessa que fiz ao começar a escrever estas lnhas. Uma ultima observação, para concluir. O snr. Julio diz a pag. 23 do seu livréco:

«Se a religião fôsse implantada por um sopro divino, como o quer o clero romano, coisa alguma do mundo não n a poderia abalar, tal sopro seria irresistivel: se n'ella houvesse toque ou raio da divindade, havia de apparecer por toda a parte e produzir-se iam effeitos que seriam miraculosos» — E acrescenta que são palavras do conego Pierre Charon. (Não digo que sim, nem que não, porque não pude averigual-o.)

Pois é isso mesmo, snr. Julio Nada tem podido abalar a religião — apesar de sempre combatida sem treguas — logo ella foi implantada por um sopro divino.» Produzem-se ainda hoje no seu seio, e léem-se produzido em todos os seculos, effeitos miraculosos; logo ha n'ella «toque ou raio da divindade.»

E' assim mesmo, snr. Julio; é isso o que nós estamos fartos de prégar-lhe e até hoje nada de novo.

Agora, finalmente, o snr. Julio dá as mãos á palmatoria e faz *amende honorable*.

Vá por ahí, snr. Julio, que vae bem. E possa eu ter um dia o prazer de o abraçar constricto e arrependido dos passados desvarios, como hoje tenho pena em me ver forçado a... *chegar-lhe caridosamente a roupa ao jacobinico pélo...*

24-8-902.

PELO CHRONISTA DA «VOZ». — F. LUSO.



P. S. — Na chronica do numero passado saíram varias gralhas, que — *ça va sans dire* — não abonam muito a diligencia e perspicacia do revisor. Entre outras: logo ao principio *cumulo* por *cuinho*; *cavallico* que por *cavallibôque*; *elogio mutuo* por *elogio mutuo*; *contração* por *contradição*. Etc. Desculpe-o a benevolencia generosa do leitor. — L.

(1) «N'este immenso e bello territorio (o Brazil) os missionarios não acharam senão homens ferozes, anthropophagos, entregues a toda a sorte de vicios, errando nas florestas como as feras. Entranharam-se n'esses formidaveis escanderijos, com uma santa intrepidez. O sangue de alguns entre elles regou essas selvagens regiões. Poucos annos depois, contavam-se mais de dezeseis mil brasileiros baptisados e outros tantos catechumens, repartidos em dezeseis povoações, cada uma das quaes administrada, quanto ao espirital, por dois ou tres jesuitas.» — LIVVAUX, *Hist. Eccl.*

(1) Veja-se a conceituada revista religiosa o *Progresso Catholico*, anno VI, pag. 8.

Aos nossos assignantes

Lembramos que o *sur. Germano da Silva* que por muitos annos fez parte activa do quadro administrativo da «*Voz de Santo Antonio*», estabeleceu-se n'uma empresa á parte, sobre a qual a «*Voz de Santo Antonio*» não tem responsabilidades absolutamente nenhuma.

Aproveitamos o ensejo para pedirmos desculpa aos nossos dedicados correspondentes e aos nossos numerosos assignantes — de quaesquer irregularidades que por este motivo hajam succedido no bom andamento administrativo da «*Voz de Santo Antonio*».

Pedimos novamente que toda a correspondencia relativa á «*Voz de Santo Antonio*» seja unica e exclusivamente dirigida ao *Rev.º Padre Director* da «*Voz de Santo Antonio*» — Braga.

Rogamos ainda aos nossos bons assignantes que façam acompanhar o pagamento das assignaturas e outras cartas de importancia do respectivo numero da «*Voz de Santo Antonio*».

Collecção de cantos religiosos, para a novena e vespers da Immaculada Conceição.

— Homenagem a Jesus Redemptor ao fim do seculo XIX — Cantos religiosos.

— Hosana patriarcha — Marsehe Pastoral — Piano e Canto

FOR

PEDRO ANTONIO LOPES

Vendem-se n'esta Redacção.

Regulamento do Imposto do Sello

A «*Bibliotheca Popular de Legislação*», com séde na Rua de S. Mamede, 111, (ao Largo do Caldas), Lisboa, acaba de editar este novo regulamento; é a unica edição que contém todos os mappas e modelos que do mesmo fazem parte, sendo o seu custo 200 réis, franco de porte.

FLORILEGIO

DE

MUSICAS RELIGIOSAS

Contendo Canticos Eeclesiasticos, á Capella, e Populares
Com acompanhamento de Orgão ou Piano

POR

CESAR DAS NEVES

Professor das aulas de musica do Lyceu da V. O. 3.ª da Nossa Senhora do Carmo do Porto

A RELIGIOSA DO BOM-PASTOR

CONDESSA DE DROSTE VISCHERING

(Publicação a favor das Officinas de S. José, em Lisboa).

Acaba de sahir á luz esta interessante obra, modelo de edificante piedade christã e leitura para ser recommendada a todas as almas bem formadas.

PREÇO 400 RÉIS

Todos os pedidos devem ser feitos á *Livraria Catholica* — Calçada do Carmo, 6 — Lisboa.

A Grandiosa Obra de Santo Antonio

E' um livrinho de 64 paginas, com umas lindas capas a chromolitographia, contendo — *Noticia sobre o Pão dos Pobres* — *Pia União de Santo Antonio* — *Vida de Santo Antonio* — *Trezena em honra de Santo Antonio e mais algumas devoções*.

E' um livrinho que esperamos vêr lido por todos.

A isso se destina pelo seu todo, até pelo preço que é só de 50 réis.

Quem o adquirir verá se não deu por bem empregada esta quantia.

As Angustias do Coração de Maria

Um excellente livrinho proprio para os devotos das dôres de Nossa Senhora. — Preço 100 réis.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILUSTRADA

Direcção. — Toda a correspondencia deve ser dirigida unica e exclusivamente ao *Rev.º Padre Director* da «*Voz de S. Antonio*» — Braga.

Assignatura. — 1\$200 réis por anno, no reino e ilhas adjacentes, para os demais paizes accresce o importe do correio.